

I

eis me aqui nessa tarde abafada, andando a esmo, nesse metro e meio quadrado

girando como um pião sem saída. no interior desse bloco de argamassas e tijolos do mais puro barro do rio cuiabá sob o sol de concreto

sss acidez acidez blitz. armado desalmado até os dentes.

girando na ciranda girândola.

docidade. mel escorrendo da boca do vampiro-beija-flor.

macho que é macho não pensa em melzinho.

macho tem que ser malzin.

docidade cidade amarga.

amarras peninsulares. atado ao indecifrável jogo dos dias que passam sucessivamente sem roçar a clareza ou a percepção do que somos ou seremos

fomos serenos em madrugada noiada compondo letra com uma banda de rock na garagem absurda de nome amsterdã.

a guitarra cortando a madrugada e nossos óio tudo virado. a lata girando sob ávidas bocas ofegantes mais mais mais mais mais ansi ânsia – uma música surgiu fulgurando antes que a manhã reinventasse o dia – banda udigrudi zagaia power guitar. super “tráia’ guitar drailler de souza acompanhado de vocais extremos e uma galera mandando ver na jam session.

a noite passava escorpiônica e traiçoeira. destruindo limites.

paredes absurdas se desfazendo naquele momento.

tudo magicamente dentro das possibilidades do mundo: de experimentá-lo com todas as garras ou dentes envenenados dardos atirando em alvos que só uns percebem ou por que poucos têm coragem de ir lá conhecer os infernos...los olvidados.

os marginais. os esquecidos.

visto minhas máscaras e me desfaço delas ao mesmo tempo. sou filho do garimpo que se ergue e se destrói. e coisas belas surgem da decadência.

as paredes roídas são cordas roídas com meus dentes de rato. não quero não a poesia agora. o mundo está aqui em meio metro quadrado. – não! um metro e meio. aqui estou, girando como vampiro pelos séculos circulares. um metro e meio. vou sair por aí. zumbi. zumbizando.

a letra da música começa com bandeira, o manuel: faço versos como quem chora/de desencanto e desalento/a vida passa pelos meus olhos/como tudo passa indiferente.

a rua se alonga. meus passos não conseguem acompanhar a corrida do corredor que se alonga até o infinito. o corredor parece uma câmara ou melhor um túnel para abate de animais.

olhando de dentro para fora com a rua lá no fundo luz no fim do túnel a rua no fim do túnel vejo pessoas passando dentro como num quadrado-caixa mágica pixels lembra uma tv ao vivo.

noiado olhando aquela janela me sinto distante daqueles outros zumbis que circulam pelas ruas com o olhar parado e rodando sem sentido como máquina regrada a horários e rituais chatos sem graça mórbidos escrotos com idas alegrinhas ao mac donald’s ridículo com suas alfaces cheias de larvas escorpiônicas venenos da contemporânea cena de consumo se alastrando feito praga.

-tú és um panfletário, seu canalha! berra de longe meu amigo chico amorim: brada entre dentes

-panfletário ativista.

-eu???? respondo cheio de sinais, sou mais a anarquia não sou ati nada. ati porra nenhuma – nada com nada.

isto é apenas confusão entre o personagem e o escriba que vos oferece essa coisa escrita que não quer nem pé nem cabeça. se desfaz sob a fumaça e passa a circular nos séculos de repetida maquinação baseada no tempo e seus múltiplos rewcores. a língua salgada de um strogonoff sem harmonia vomitando ira e briga secular entre ficar ou não ficar. eis a milésima questão de uma equação que não acaba nunca. eis o limiar de uma questão. lumiar. clareai-me clareai please. lets go. ajude. please. estou entre as rodas da vida. querendo parar descer mudar de rua mudar de número. mudar de cuidados. desproteger-me. cair na ciranda que roda. diabo de nome besta – ciranda. gosto da palavra cisterna. cavernosa cisterna. a gente ficava ali beirando aquela boca enorme e grotesca com cheiro de lodo. húmus. verde. escuro lá no fundo: a gente mal via. só reflexos intermitentes. boca atrativa. todo mundo ficava olhando pro fundo e imaginando lá dentro. o que teria lá?? medo magnifico. que fazia corações pulsares.

caralho já mudei de assunto. mas tô andando narrua desvairadamente demente. o efeito da fumaça vai se diluindo na medida em que vou caminhando pela avenida barão de melgaço em cuiabá capital de mato grosso. olho pro chão pra não encontrar olho de ninguém. rápido para chegar logo em lugar nenhum. circular cisterna secular ci se .

(mas que porra de letras são essas? num momento em que as letras mais realistas estão na moda, realismo a la brasil. tá na moda fazer documentários nos livros nos filmes no escambau. caem nas bocas da dita modernidade. cena de sei lá o quê e o escambau. é tudo muito chato cheios de arrogância e pose de star ou qualquer coisa que pareça estar. um hedonismo supremo toma conta do mundo. torres de iletras. ilhas de demolição. destroyer; yes. nós temos cigarros e vamos fumar até morrer de novo por que parece que tudo isso já tá morto. desilusions. fudeu. sei lá quem vai abrir o espetáculo hoje.)

pode ser cidinha divina personagem que atravessa eras de páginas mal ajambradas desconectadas. ela cheira azedo de nóia. ela pastosa. ela sebosa cidinha. já não és a de outrora.

surtos psicóticos. espelhando o marasmo da boiada que passa abatida pro matadouro. relógio. relógio. horas horas. extras. caralho virou rotina pura. retina desvairada metralhando imagens que se multiplicam como um monstro devorador de retinas. devorar rotina: vivo disso. arrotando pilhas magnéticas chips arrotando mac donaldos de ocasião. cocas estúpidas entupindo as narinas anestesiando rumores de gases arrotos estupidamente gelados gases e mais gases borbulhando dentro do corpo. rastros insignificantes – peidos e arrotos na tarde cruenta e sebenta desse velho lugar de corredor imenso onde moro. dezenas de apartamentos nessa arquitetura antiga aqui de cuiabá, o corredor se alonga por mais de sessenta metros, e vai se afunilando e lá no fundo fica um quadrado luz de fim de túnel.

dias massacrantes. horas a fio detonando meu metro e meio como um macaco enjaulado como um palhaço sem risos como um pulha amputado rodando em torno de si mesmo de mim mesmo ejaculando preciosidades.

II

de novo conecto com you. conto com você para ajudar a espalhar as lorotas de um bode velho que teima criar cifras códigos letrados na sua verve metralha dora doralice no país de carrol carrola rola caralho para decodificar para liquidificar esparramar sensibilidades em expansão como o velho cosmos

que o cu de dali salvador de porra nenhuma nem sua gala nem seus castelos que a morte lhe tomou. que importa suas gerações à frente? se nenhum pulha vai pintar o que ele pintou nessas eras dominadas pelo computador pela telinha azul brilhantes pixels que põe tudo o mais para fora da vitrine contemporânea e cai nos ranços de museus infinitos que vão se espalhando pelas cavidades planetárias quero dizer buracos onde tatu não tateia tatu não entra em minha caverna que mato sócrates e platão numa mesma tacada na sinuca lá no chaplin lá no fumaça lá no bigode lá na puta que o pariu.

e agora? sou personagem sou escritor sou embrião sou o quê? quem pode ser eu quando vejo essas figuras todas incrustadas na parede nas ranhuras das paredes na viscosidade do tempo verde de húmus como rostos aos milhares desfilando pelo meus olhos vejo o desenho do acaso (a dúvida me atemoriza) claramente uma bailarina uma cabeça de fernando pessoa mais para álvaro de campos uma bailarina daquelas de caixinha de vó daquelas contendo talco perfumado para bunda de vó daquelas que tocam musiquinha. daquelas.

meu metro e meio parece que está mais apertado hoje tento escalar não consigo tento saltar não alcanço o muro que separa dos meus sonhos o muro que me separa de minha vida o muro que me separa da maioria das pessoas do mundo e seus problemas cotidianos seus valores atrofiados mas vejo e recuso aceitar essa gama de responsabilidades idiotas que detonam os valores mais dignificantes. viu só como sei falar? meu amigo eduardo disse para mim experimentar escrever minhas nóias descrevê-las fazendo círculos sobre determinados aspectos sobre determinados espectros sobre determinadas visões que possam surgir sobre eventuais nadas de nadezas nenhuma sobre determinados teoremas que possam surgir de minhas elucubrações sobre determinadas fórmulas ou equações que possam abrilhantar minha mente demente tacanha dementemente acanhada para tal repertório para tal tarefa que de tão hercúlea passo a divagar e não fazer porra nenhuma pois o fluxo às vezes não vem e tudo mais fica próximo do fim do dia quando um ruído de comunicação interfere sobre a onda detonando o processo estilhaçando toda minha clareza num golpe fatal. assim sendo recolho-me ao silêncio.

III

(bouquet)

oh deus cruel! criador de todas as coisas majestosas.

que cagada! criaste

essa coisa humana.

um erro!

diante de tão belas rosas!

enjoativo enjoei. muito fresco esse papo de rosas e jardins borboletinhas que coisa mais bicha!! mandei um buquê de poemas pra ela. ela não entendeu nada de nada. ela escafedeu-se. ela catingou. peidou na sala de jantar com papai e mamãe na sala. saímos rapidamente de fininho antes q mamãe sentisse o cheiro da pocilga.

ah cara tô de saco cheio saco cheio tô de milk cheio milk derramado danado do gato nem lambeu as patas da pata choca que pisou no leite.

pocilga no quintal do vizinho sinto o cheiro do chiqueiro meu isqueiro tá muito quente tá me queimando os dedos que mal sinto esse metro e meio de quadrado aqui tá me parecendo um caixão porra será que morri e ninguém ainda descobriu tudo zune tudo zóio virado tô aqui sem jeito camuflado minha mulher

saiu pra fazer feira e até agora não voltou não sei o que que acontece o tempo não passa ou o tempo parou e não percebi quem sou eu então que ainda pensa que penso tento lembrar os números da bolsa de valores só lembro da bolsa cheia de legumes verdes frescos algumas frutas abacate melão mamão laranja doce para adoçar a boca ácida para entupir o vaso com um cocô limpo e mais saudável sem aquelas porcarias dos sanduíches importados de merda mais uma vez falando desses porras que se fodam com toda a carga que trás da política do george filho da puta do bush que ninguém aguenta mais e os otários desses americanos votam num canalha desse o cara que se orgulha de ser o presidente da guerra que vá pra puta que o pariu a velha escrota da bárbara bush será que as mães são culpadas de terem os filhos que têm ou elas estão livres desse pecado original (terminal) pobres mães de podres homens que fazem a sujeirada toda que são piores que o cheiro do porco do vizinho e sua maldita pocilga que dá o tom exato da percepção de que ainda estou vivo seguramente sinto a bolsa no sangue aliás a bolsa corre nas minhas veias aliás odeio a bolsa de valores de nova york são paulo rio de janeiro londres seus números fétidos financistas de merda do mundo todo fodendo com meu barraco meu jeito de ser aqui nesse fim de mundo. o cheiro da pocilga me salvou. que vivam os porcos. einstein que viva méxico que viva américa latrina que vivam los puercos podres que vivam todos. só a morte constrói.

acho que minha mulher já chegou sinto o cheiro da janta. será que ela tá fazendo sopa? será que ela vai me chamar? brigar comigo por que tô na nóia? entupindo minhas veias da cabeça do coração da alma cheia de cinzas destruindo meus lindos alvéolos pulmonares pilares da minha existência sem os quais ruirei pior que os prédios de areia do nagoia naya será que era assim que se chamava o cara lá do rio de janeiro o prédio que ruiu como um castelinho de areia de menino desengonçado e tristonho que fica brincando de ficar rico comprometendo metendo o ferro na vida alheia. prefiro temas mais saudáveis mas vem toda essa cambada de filha da puta atormentar meu modo de pensar e de escrever.

hoje quero falar de amor. do amor e do horror do avesso expelindo o que sinto por essa canalha humana que tanto faz chorar rir escárnio puro poetar punhetar escrotizar já disse da pocilga homens e porcos porcos & santos bofes linguíças sal correria humanimaldade cummingnianas asnianas asnos é tudo asno pronto tá decretado: o homem faliu e pronto tá acabado.

fim desse capítulo de sacrossanto cheio.

IV

o trânsito confuso me deixa ainda mais neurótico. as ruas estão entupidas. veias entupidas estupidamente. veias fechadas da américa do sul. cuiabá centro geodésico dessa ameriquinha que habla hispano portunhol português de araque. ilha brasiliis ilha do sol atlântico. palmeiras imperiais resistem na praça da república. homens perambulantes vendem nostalgias sentados agora no banco da praça se reúnem entre pombos e trocam conversas que vão desde o futebol do fim-de-semana até a última peladona da capa da playboy.

boys em ofício passam zarpando de um lado a outro entupindo as filas dos bancos com suas centenas milhares ou no mínimo dezenas de papéis que quando vemos à nossa frente em fila de banco estacamos stressados pensando na merda do tempo que vai demorar passando lentamente com os olhos grudados na verdeza daquele relógio de parede estilo setenta coisas quinquilharias souvenirs lembro agora da bahia do sul da bahia daquelas férias suculentas onde comíamos peixe frito e atravessávamos as manhãs boqueando. eu preguiçoso tomando cerveja gelada aquele mar imenso se desfazendo aos olhos de bicho-preguiça estirado nas costas do atlântico velho de guerra de tantas travessias e histórias heróicas retumbantes um hino à hipocrisia de dominadores ferrenhos portugueses que aqui deixaram degredados e iniciaram uma história segredada tomada das mãos dos índios dos negros dos malucos mamelucos e o escambau. histórias do avesso que permearam por muito tempo os ensinamentos em nossas escolinhas

de primeiro e segundo grau e nas universidades distorções únicas que deformam uma história real que está lá nas ruas e pelourinhos e castigados desaparecidos olvidados massacrados pelas circunstâncias de um poder reles de um poder cancro canceroso horroroso estúpido viu só? estou exercitando meus pensamentos de revoltas contra um sistema de coisas que aprisiona os homens e suas vontades suas possibilidades de detonar novas sensibilidades novas formas de comportamento novas maneiras de brincar e não levar a vida tão a sério.

minhas narinas estão entupidas ouço daqui o barulho infernal de máquinas e homens na esfera do dia diário que expande se contrai bate na lata cega os olhos estoura os ouvidos num breve instante de lucidez consigo captar os sons sinto as pessoas caminhando pulsando os corações à espera de um momento de felicidade pedindo esmolando um momento de felicidade um momento de suprema liberdade de escolher o que t faz mais feliz e viver assim simplesmente de um jeito mais feliz.

esmoreço diante desse trânsito os carros não andam os carros soltam fumaças nocivas a minha saúde já não bastassem as outras fumaças que aspiramos fumamos enlouquecemos diante de tão grande liberdade que experimentamos voamos para outras esferas ignorando este mundinho besta eta mundinho bom eta mundinho de eu deus de meu deus de eu eus de tantas pirações e faltas

aspirações infinitas aspirações definitivas aspirações malucas corretas indolores dores fogo nas tardes quentes dessa cidade docidade escorrendo feito mel nas bananas do acaso do bulicho do seu mané na esquina do porto perdido entre secas e curixos entre peixes podres e cabeças de pacús espalhadas pelo chão na beira do rio entre algazarras de crianças com cara suja de barro e calção voando ao vento doce correria atrás da bola de borracha num eterno jogo de eternas meninices a verdadeira escolinha do futebol brasileiro a malandragem tá na ginga na dança sutil do menino que baila no pé do samba como um corisco dribla todo mundo entra fundo na meta é gol do brasil é gol do povo brasileiro joão ubaldo viva o povo brasileiro viva o povo ribeiro.

o dia segue seu curso dentro desse carro, o cara desce e corre até mim para entregar a encomenda

– rápido! uma cabeça de base.

– dez reais!

– rápido!

é tudo muito rápido é tudo muito noiante os caras ficam agitados como se fosse a última coisa a ser feita no mundo. no pedregal. pelo celular. pelas beiradas da rodoviária. avenida da feb em várzea grande. os pontos se multiplicam e a coisa vai rolando noite afora ou noite adentro depende do ponto de vista depende da perspectiva depende de que lado você está se é que você me entende se é q você está lendo estas páginas tontas que nem barata rodopiando que nem pião que nem boi que nem porco em dia de festa que nem peru na véspera do natal que nem coisa nenhuma que nem quem quem quem quinhentos motivos para falar de uma coisa só é assim que se comporta a linguagem quando não se tem limites para um verbo desenfreado que vai cortando caminho abrindo picada no meio da selva escura do papel em branco abrindo picada na floresta absurda do papel em branco floresta morta do papel em branco folhas outonais uma folha em branco é uma folha outonal

folha morta folhas das folhas das relvas de walt whitman hippie beatnik salve kerouak salve são francisco o oeste americano salvem os loucos burroughs salve bukowiski salve cuiabá salvem-se todos viva a vida viva a pocilga viva a feijoada invencionice bacana dos escravos por que os patrões só distribuíam porrada e restos mortais do porquinho salve salve santos de todas as eras salve salve são benedito salve o pai de todos os santos salve salve salve salve o menino jesus dessa cruz inoportuna salve salve karl marx salve bakunin salve salve viva o futebol e o país do samba o país do rock o país do funk do rap da rapa do rappa salve o país da lata salvem os céus tupiniquins saci salve saci cadê aquele poema que fiz para ela que nada entendeu ela não me quis ela não me mandou nem um kiss ela quem era ela mesmo???????

curupira

estou aqui abrindo picada nesse grande branco que se alonga até o infinito criativo até o infinito que meus olhos não conseguem não conseguem ver e muito menos imaginar o fim.

essa vida louca abrindo picada em meu metro quadrado e meio com uma folha em branco nas mãos há duas horas e nenhum traço nenhuma letra nenhuma palavra aqui estou acometido do mais profundissilêncio.

de profundis

thomas de quincey

essa vida aqui tá ficando besta apertada demais pequena demais acho que quero voar para fora desses limites que me emparedam hoje estou sufocado só saí daqui para entrar em um carro apertado num trânsito apertado para pegar mais uma cabeça dessa maldita base que me entope os pensamentos como agora nesse momento que ouço o mínimo roçar de mãos da vizinha que está se lavando que está se masturbando que está matando a vontade de dar lá no banheiro escondido da cunhada que agora mora com ela o maridão viajando ela anda sempre reboativa ela tá sempre com aquilo piscando para todo mundo parece uma ninfomaníaca parece uma pomba gira girando em círculos com licença do poeta antonio sodré com licença ou sem licença poética já tasquei num tô nem aí num pago direito autoral num pago e cad que rouba dos artistas não pago imposto pois sou miserável não pago renda não pago porra nenhuma só quero fumar esse cigarro para fazer cinza só pago essa latinha de cerveja para usar a lata só pago esse metro e meio quadrado para alimentar a porra da minha mulher que dorme como um passarinho e eu aqui de asas cortadas querendo e não conseguindo levantar vôo.

ontem fui a um show de rock duas gatas punks trançaram no tapa, ontem fui a um show de rock dois caras bêbados trançaram no tapa ontem fui a um golpe de morte onde as cabeças eram cortadas como num filme de glauber rocha amigo do peito cinemático cara de rocha glauberianos rosáceos de jardins desmistificados um golpe no primeiro mundo um golpe na inteligência mundana de europeus e americanos um golpe no mundo das artes. aliás arte pra mim é tudo é onde passa o buraco da agulha é onde passam as caravanas é onde passam todos os reinos e paraísos artificiais arte e droga tem tudo a ver com você já dizia o velho chico amora de amorim grande irmão que bateu as asas e voou para o além aquele lugar que ninguém sabe onde fica nem o que lá tem onde ninguém que vai volta e se foi já era lembro agora o dito popular morreu morreu antes ele do que eu morreu morreu por que não eu se todos vamos vai chegar a hora aí meu deus e agora? vai chegar a minha hora também se até a estrela de clarice tem hora se até lispector já se adentrou lá nesse lugar absurdo e confuso nesse jogo louco entre vida e morte entre o que imaginamos acreditar entre o que é o que que pensamos ser por conveniência a fé é pura conveniência de quem tem medo do vazio de não ser quando a grande beleza de paul valéry está na pureza de não-ser mas quando se é morre então a pureza está lá atrás bem antes de você ser algo ou alguma coisa boiando na superfície da vida.

V

existem personagens que são apenas cabeças né, samuel?

becketiano me sinto quase k de kafka sem processo

não! agora sou uma barata tonta de tanto fumar pasta base e de não saber se sou ou quem sou ou eu ou tu ou ele ou nós sem voz de tanto gritar e não ter recall e a poesia se nutre de todas as coisas do

mínimo ao máximo apesar de que não dou a mínima bola para tanto para isso ou aquilo mas ela se alimenta de qualquer coisa pior que estômago de gato que dissolve qualquer merda. minha cabeça tá estourando. um estorvo pensar na responsabilidade de sair caçando todo dia na urbana paisagem pessoas andando pelas ruas com cara e carrancas de caçadores daqueles que saem para caçar seja lá o que for ou seja quem for cheiro de foda cheiro de bocetas molhadas cheiro de sexo no ar invadindo as residências do mundo. fodei-vos fodei-vos dizem os novos profetas do pós apocalipse fregueses de carteirinha das surubas mais safadas.

uma amiga nossa no intervalo de um show com várias bandas undergrounds cuiabanas começou a tirar a roupa devagarinho primeiro mostrando os peitões empinados duros já bastante tesuda ela gemia lascivamente dançava reboiativa usufruía de nossos olhares éramos três ou quatro amigos com os respectivos paus nas mãos e ela roçando um a um dançando por aquele cubículo camarim. um meio envergonhado estava com o pau mole mas esfregando pra ver se o bicho acordava. porra nenhuma só um pulou sobre ela nosso amigo mais performático louco nos shows dava cambalhotas se arrastava pelos palcos saltava sobre as mesas nos bares subia nos telhados dos bares escalava paredes árvores recitava poemas indecorosos safados drogados enlouquecidos contra os sistemas opressores e o caralho. nossa amiga chupou um a um todos os cacetes naquela noite ensandecida. ela é estudiosa do assunto em voga. ela é uma historiadora gostosa e sacana. gosta de lamber sorvete.

minha cabeça não pára de me azucrinar. e agora? será que você aguenta essa ladainha? será que eu me aguento? estou quase desligando o ventilador. quanto mais jogar merda mais vai feder.

sabe aqueles dias que não devíamos ter acordado????

tá rolando um som ali da casa do vizinho. o som pauleira rola enquanto acabo de rabiscar uma única linha nessa imensa página branca que não acaba nunca apesar dos graves desmatamentos que estão ocorrendo e deixando um grande vazio em minha fome de ficar morgando debaixo das frondosas árvores da floresta. aqui é tão floresta sinto uma proximidade maravilhosa com o tempo absurdo que vivemos em cuiabá. o pantanal sendo outro tempo o cerrado crivado de pequenas vidas rústicas rugosas retorcidas lá no fundinho uma florzinha bela e áspera – cerrada colorida pequenina robusta bela e selvagem. formas loucas que encontramos no cerrado além das entidades (invisíveis para a maioria) é claro.

muitos cogumelos no cerrado ácidos espalhados pelo terreno das fezes do boi o mágico boi que caga ácido o efeito do cogumelo é grandioso abre novas esferas em sua mente a gente adquire uma percepção mais aguçada mais divina ou mais próxima daquilo que divinizamos em resumo parece que abre a noção clara de um outro lugar que conecta com vários tempos nossa carne corpo fica parecendo aquém desse outro estágio parecemos demasiado primitivos parece que existem outras formas onde a consciência pode estar agregada. formas mais leves mais sutis. já senti uma harmonia maravilhosa com tudo que nos cercava o céu servindo de janela para impressionantes formações de nuvens que se movimentavam como furacões sem som nem vento desenhando formas loucas num continuum fantástico. a impressão que fica é que nós estamos manipulando todo esse movimento cósmico tal é o sentido de interação que acontece nesses momentos.

uma vez tomamos cogumelos com vinho e chapamos geral foi uma viagem louca mas que deu uma surra na gente. essas viagens servem sempre como um grande aprendizado somos aprendizes o tempo inteiro cada situação é nova em si em sua essência na capacidade de ser única cada gesto cada ato desse grande entre – atos só observamos os intervalos de tempo para cortar o tempo e recontar o tempo contar de novo com outro tempo e todo poder é conferido a cronos a gente secando escorrendo toda a água secando como folhas de outono.

eis-me aqui como sempre abestado viajando na maionese como a gurizada gosta de dizer. meu irmão se preguiça matasse não sairia por aí nem pra procurar comida já morria aqui mesmo. o problema é que dá fome e fome não mata fácil demora muito pra morrer o ser humano não morre tão facilmente o ser humano é resistente como barata já dizem os americanos que nos chamam de cucarachas baratas em alto e obeso bom som.

camarada cucaracha gregor samsa. help!

outro dia tava noiado de coca trincadaço quando de repente apareceram sete baratas não sei de onde e se espalharam pra todo lado rodopiei corri saquei uma chinela em cada mão e matei as sete sem dó como um samurai ensandecido esmaguei cada uma delas como chiclete com aquele som característico de coisa seca sendo esmagada e aquela gosma branca amarelada que sai de dentro delas melando o chão do quarto que ficou pegajoso asqueroso com restos de barata pra todo lado. tentei entender o significado daquilo daquele monte de barata correndo feito loucas e eu heroicamente bradando com os chinelos na direção daquelas coisas escrotas caçador kafkiano sem grandes feitos anti-herói reles matador de baratas num quarto com uma mulher de olhos arregalados sobre uma cadeira trêmula de calcinha apenas aquele corpo bem definido e uma agonia de dar dó mas mesmo assim bela como uma deusa bela como uma ninfa descabelada de tanto trotar no meu cavalo de pau.

no dia seguinte ao olharmos para o chão nada vimos. terá sido alucinação? pensei comigo enquanto limpava as remelas de canto de olho, amarelas que nem a gosma das baratas. mas qual nada de repente num lampejo me atinei que as formigas é que fizeram o serviço, limpando o quarto e levando os restos mortais das cucarachas da família de gregor samsa sem senso para o cu do mundo cemitério de formiga é cu de cuiabá única palavra que conheço que tem dois cus um na entrada e outro na saída preste bem atenção: cuiabanos. cu aqui é cesso. acesso para as loucuras sexuais de pederastas e velhas bichas cuiabanas que tem tradição no metiê. aqui tem de tudo -ô cidade louca meu! lá vem o velho paulistano com sua fala e seus pastéis fritos aqui misturado com garapa gritando na minha orelha - ô meu! vai um pastel aí?...

ozzy osborne detona ali no computador do vizinho de sala. black sabbath na central do território livre das santas criações o escritório dorme às moscas esperando em ritmo de espera de pescador caçador à espera a presa vem sei que vem quando menos se espera depois de tanta espera tal e qual e tal o lagarto de paul vâlery que num pressentimento instintivo sabe que parado ao sol acumula energia do sol sobre a pedra da pedra do ar do silêncio energia de tudo que emana capta como uma estátua greco cuiabana chapadiana lagarto ao sol largado ao deus dará e deus dá que deus deu que deus dá

viu gilberto? não o noll não o mendes santista vanguardeiro sem guarda chuva sem guarda sol espera a confirmação das vanguardas que só vêm a posteriori droga artistas incompreendidos parece que vem confirmar uma história que sempre está crucificando alguém que sempre está excluindo alguém que nunca partilha seus benfazeresses seus benefícios que só ficam na mesa principal do banquete não o joão mas o gilberto ministro da cultura do país brésil pau de brasa pau de tarado vermelho de ira buscando tingir bocetas européias cabe um índio na boceta européia cabe um pau brasil na xana da américa cabe um escracho na ponta do iceberg agora tô no gelo será que existem lagartos no gelo? será que será é pau é pedra e nosso leme está variando de mãos no timão só entra a galera que desorganiza no timão só cabe a galera que se orienta desorganizando a sala de jantar das mães tolinhas do reino de portugal do reino brasílis o lagarto sobre a pedra espera a presa que surge do nada do invisível do indizível espaço do não visto espaço do que deus dá e tira que dá vida e dá morte que dá vida e sobrevida que dá tempo e a falta que faz o tempo que interrompe um corte na veia um corte na respiração um corte na medula um corte nas mãos sangrentas do esfaqueador do sinistro jack o estripador do sinistro filme que não acaba nunca enquanto as moscas lambem da fruta que agoniza na feira do porto na feira do boa esperança na feira dos hipermercados lotados de gentinha humaninhos que só comem e dormem que só consomem seus corpos gordos e doentes de tanta comilança de tanta vizinhança com seus churrascos de fim de semana de tanta pocilga e templos de falsos messias que inundam a cidade quente a cidade infernal praga praga em cada esquina uma nova igreja uma nova tempestade de palavras ameaçadoras em busca de almas cordeiras perdidas sem pastor sem pasto sem rastro nessa história humana louca e cheia de fatos que se interpõem contraditoriamente que se interpõem como cortes na carne como cortes na alma abrindo feridas e expondo as mais doentias agonias que podemos suportar ou mesmo que possamos supor. a mósca está rodeando ameaçando lambar minhas feridas.

-não é feira é ferida não é banana é um dedo não é jabuticaba é olho não é mel é sangue e fel.

gozo e agonia prazer e dor obra divina a carne e o espírito santo é pai é mãe é pau é pedra é o lagarto dando o bote com sua língua velocíssima que num golpe magistral engoliu a pobre mosca agora não tenho mais como mosquear não tem mosca o telefone tocou não sei se foi real ou apenas em minha cabeça, na realidade na realidade estou há horas aqui na porta olhando através do olho mágico o corredor respira pulsa se alarga ouço sua respiração ouço seus passos ouço seu chamado. a faca está em minha mão esquerda. fato que me faz estranhar pois sempre uso a direita sou destro canhestro maníaco pelos atos mecânicos aqueles que não pensamos que sequer percebemos e já estamos com a mão na massa digo na faca esperando sua aparição a qualquer momento e nunca vem e nunca aparece ouço o tic tac do relógio que bate rebate insistentemente o volume crescente ressoando pela eternidade castigo de cronos castigo de cronos.

VI

6 é o número que repetido três vezes forma o 666 número cabalístico que remete ao tihoso ao bicho esquisito ao comprador de almas ao demo coisa ruim sou encafifado com os números estou sempre tentando decifrar seus significados eles estão sempre se metendo em nossas vidas de um jeito ou de outro numa espécie de equação cósmica permanente relações matemáticas que sistematizam todos os fenômenos tudo pode ser reduzido a uma equação todos os fenômenos são resultantes de micro-equações simultâneas e conjugadas. então percebo que um mínimo fenômeno por mais insignificante que seja um simples gesto como tomar um copo d'água é resultado de uma intrincada rede de relações que resultaram neste gesto observo ainda mais paranóico que isso é resultado de todo o conjunto de coisas que vem do princípio até aquele instante então concluímos que todo gesto deve ser valorizado deve mesmo ser ritualizado todo gesto é complexo todo ato é parte e resultado de um todo muito maior e que se interliga através das eras em sucessões de pequenos eventos encadeados no mesmo avançar cósmico que é carregado de energia e movimento na direção de um outro fim que resultará sempre em outro começo e assim vamos pirando e concordando mais uma vez com o poeta pessoa além-mar quando vaticinou e não deixou saída nesse beco: a única conclusão é morrer.

diálogo impertinente:

-você vai para o centro?

-já estou no centro de tudo que resta de mim!

-você vai descer?

-descerei quando se abrirem os portões infernais, caronte que me espere para a travessia, morfeu me chama...tenho sono.

não saio daqui por nada, esse olho mágico é meu único ponto de vista possível nesse momento sei que vais chegar sei que estás por aí rondando meu quadrado de um metro e meio minha mulher saiu de novo não faço idéia para onde ela foi ela tem saído muito ultimamente desconfio que tá me corneando já ouvi umas piadinhas sem graça indiretas que batem no fígado como um golpe de boxeador potente e direto que desnorteia mas ela me disse que não aguenta mais ficar ali na sala assistindo tv suando só de calcinha com um ventilador barulhento jogada no sofá sonhando com as histórias de amor melosas das novelas ela assiste todas é viciada sabe de todos os horários de todas as novelas de todos os canais já chegou ao absurdo de pedir emprestada para a vizinha solitária pois o marido é viajante acho que já disse isso mas nunca é demais lembrar mas trouxe a tv da casa dela e as duas assistiram duas novelas ao mesmo tempo em dois canais diferentes eram capítulos emocionantes e do meu quadrado ouvia as duas gemerem de prazer com a historinha que rolava e uma das novelas era mais quente e tinha cenas

de sexo quase explícito cenas callientes ouvi que a respiração delas estavam paradas assustei olhei pelo olho mágico que mandei instalar em meu mocó vi que as duas estavam sem roupa fazia muito calor só de calcinha as duas deitadas no mesmo sofá as pernas se cruzando ambas assistiam aquela cena calliente o dia escorria feito mel calliente maçã do amor caramelo a maldita cobra serpenteando na tela convidando-as para o pecado para o reino da liberdade de escolha nessa hora o tesão fala muito alto berra aos nossos ouvidos e elas se tocaram a princípio timidamente mas a tarde estava calliente então elas avançaram um corpo sobre o outro corpo mãos tateantes bocas voluptuosas carnes molhadas línguas felinas lambendo as feridas da mais pura solidão.

depois disso não tive dúvidas de que ela saia para estudar e com certeza se encontrava com amigos para se divertir brincando com os corpos que já não me apraziam naqueles dias quando eu adentrava meu cubículo e ali ficava dias girando na pá de hélices invisíveis que voavam para lugar nenhum.

já faz 15 anos que encafifei com o número 3. a todo instante ele surgia magicamente na minha frente sem combinar surgia do nada. lembro que saí em meu carro – isso foi a primeira vez. a partir daí passei a prestar atenção naquelas supostas coincidências (acho que é quando o olho passa a perceber como as relações mágicas acontecem a todo instante e que é só uma questão de você estar antenado começar a colher frutos de deliciosa imaginação que são ofertados aos nossos olhos que na maioria das vezes estão fechados para a harmonia do cosmos com suas relações de ordem e desordem caos e criação dados soltos e sistematizações equacionais que estamos sujeitos) – mas observei que o relógio digital na avenida marcava exatamente 3:33 da tarde, achei o número muito interessante e continuei com minha movimentação normal. acontece que de madrugada ao voltar para casa já completamente chapado meu olho se deteve naquele mesmo relógio que marcava 3:33. já fiquei intrigado com aquela marca. na sequência passei ali novamente 3:33 da tarde seguinte, de madrugada outra vez e a quinta vez na tarde subsequente. cinco vezes. você acredita? e olha que não sou sistemático. reclamam muito que sou enrolado que atraso sempre para os compromissos que sou relaxado e tal.

daí em diante o 3 entrou definitivamente e nunca consegui decifrar tal enigma cheguei a pensar com escárnio que 333 sendo a metade de 666 me colocava na condição de meia besta. fiquei puto com tal consideração meia besta a puta que pariu que seja então uma besta inteira!

o 3 é carregado de significados místicos cabalísticos. representa a santíssima trindade. pai filho e espírito santo. o triângulo isósceles é considerado a forma geométrica mais perfeita. o 3 tem relações ao longo da história com bruxaria xamanismo e diversas formas de manifestações místicas que ainda vou pesquisar mais a fundo para tentar me situar nessa esfera misteriosa e enigmática.

VII

recebi e-mails saudosos de uma amiga poetisa que sintoniza frequência poética comigo gratificante e produtiva. legal mesmo trocar poemas com a andarilha mochila de pontes e lacerda amiga lésbica que quis ficar comigo e trocamos alguns beijos meio tímidos na única vez que sentamos num bar sozinhos para prosear tomar cerveja e sentir o maldito calor cuiabano que tosta nossos cérebros fritando os miolos e embrutecendo a tez áspera e resistente. mas a poesia é universal e lança seus dados para lá de mallarmé. viva a frança e seus malditos baudelaire e rimbaud. a praça foi tomada de assalto e a burguesia atravessou o soberano muro do poder de gerir seus próprios fracassos. viva o brasil e seus malditos de bocas infernais gregorianas de matos. viva wally. viva glauber rocha. viva eu viva tudo viva o

chico barrigudo. me segura que eu já dei um troço. mas os malditos europeus parece que têm mais charme que nossos pátrios tupiniquins. coisas do país das letras. engraçado é que a revolução francesa parece coincidir com o declínio da corte cultural planetária com o deslocamento para nova iorque que hoje abriga gente de todas as partes do planeta e é alvo da maioria dos grandes artistas contemporâneos. acho que é por que a França dominou num período em que o pensamento era mais valorizado as ideias humanistas eram outros houve uma mudança muito forte de paradigma hoje a coisa gira em torno da ideia de mercado. como dizia o velho e destemperado paulo francis – "toda vez que falam comigo de cultura eu saco o talão de cheques!"

vou assim digerindo meus vazios intestinais sempre gostei das coisas mais viscerais saídas sabe-se lá de onde lugares desconhecidos da mente do velho bumbo core coração hard core gosto da atitude punk com sua língua de fora desmascarando a hipocrisia dos delírios mundanos consumistas vazios como o ar que não respiro pois a boca aberta me faz lembrar de um peixe que vi fora da água agonizando que nem fruta derretendo no calor de 45 graus celcius na banca da feira onde ainda vejo os passos de minha mulher que anda pra lá e pra cá feito barata tonta feito pão sem rumo feito buscapé feito cachorro sem dono feito cachorro de feira feito mosca mãe da gula que devora seus próprios filhos cronologicamente maldito cronos você fica aí contando horas e sorrindo diante do desespero de seus filhos pobres filhos que despencam feito folhas mortas em pleno sol outonal.

VIII

a chuva cai ácida o céu estava sujo cáustico a primeira chuva vem assim cheia de ácido lembro das viagens de cogumelo ou de lsd as cores vão se alterando gradativamente sua sensibilidade vai se alterando e passa a ocupar outras esferas de percepção a cor violeta a cor iodada vai melando tudo parece que literalmente religa com os espíritos mais divinos dá um click na cabeça o céu se enche de musas silenciosas e divinas desfilando diante do olho mágico que me alucina há horas parece que elas me percebem mas não tenho certeza é que sinto alguns olhares de soslaio em repentes de micros segundos um tempo quase imperceptível a não ser para meus olhos que a tudo vai rapidamente registrando como um olho de beija-flor como as ranhuras de uma câmera que vai flagrando as minúcias do tempo um tempo parado e re ligado a 24 quadros por segundo a 29/30 frames por segundo ao olho que tudo imita tudo registra tudo representa em seu raio de ação de visão de ante-visão aquilo que imaginamos aquilo que criamos aquilo que representamos aquilo que queremos aquilo que não sabemos aquilo que sequer imaginamos aquilo que comemos a quilo restaurante a quilo o pedaço da santa ceia ave maria mãe de deus ave César ave João ave sem penas pobre ave pobre vôo que não se agiganta que não levanta mais que dois dedos do chão que parece um buraco encobrindo uma cabeça de ema.

mais uma vez retorno ao posto de longas elucubrações. uma história sem ação. alguns devem achar a coisa mais sem graça do mundo – o que os consola é que muitos sequer vão ler essa letras mal ajambradas que tenho plena consciência de que não passam de um equívoco entre eu e você e você e eu. quem é o eu? quem narra? que significa esse tempo parado essa geografia limitada a quatro paredes cheias de ranhuras e descascados de onde vejo milhares de figuras superpostas caoticamente e sei que são apenas traços de minha imaginação super sensibilizada nesse momento de total reconhecimento vejo formas das mais diversas algumas bastante divertidas outras nem tanto mas nenhuma a ponto de me assustar.

o céu está ali em volta pelas alturas desse pé direito sem finito. não tem teto só tem céu e pedaços de mangueiras que invadem o espaço visto. toda hora vejo alguém de lá parece me observando o tempo

todo. quando vejo dá uma agonia danada dá uma nóia infernal dá vontade de derrubar de lá aquelas figuras que vão surgindo assim sem mais nem menos como flashes infernais que aniquilam minha tranquilidade que me colocam em sintonia com mundos desconhecidos que às vezes me deixam apavorado e sem rumo sem saber o que pensar todo arrepiado com os instintos aguçados e tremores começando a invadir meus ossos meus nervos minha carcaça ensandecida.

menina, hoje não tem poesia. hoje não tem a beleza da língua se manifestando com a destreza do verbo polido. hoje tem porrada e agonia. hoje tem deserto e a dor bruta do ser que vos consome nesse tempo entre você e eu. hoje tem a verdade devorando cada pedacinho de minha carne e de meus nervos em frangalhos. hoje sou lágrimas e sal. hoje sou carniça rodeado de urubus e vermes que regorgitam nacos de minha carne podre. hoje sou ácido para seus olhos, hoje sou nada querendo nada com nada de nada ocupando meus desejos. hoje sou o que não fui ontem e amanhã jamais serei o que fui hoje. “desculpe minha senhora é que o jardim já não tem flores. o canto da cigarra imprimiu o cinza nessa tarde. um canto de morte. um canto de partida. desculpe minha senhora é que o jardim já não tem cores e é hora de ir embora.” canta o poeta ferreira cantador que mora ao lado de meu mocó. ao lado de minha trincheira. ao lado da minha dor.

sei que o infinito está bem aí diante de nossos olhos. só que não vemos.

uma frase solta surtiu um efeito afoito no cara que praticava o coito. coitado.

as palavras saem elucidando tudo que é questão obscura aquelas que ainda habitam cavernas contemporâneas apesar das antenas dos cara-pálidas de neon incidindo feixes de luminosidades nas obscuras antenas do reino de profundis lagos de quincey lagoas thomas peixes peixinhos filho de peixe peixinho é as antenas do peixe foram trucidadas pelo gato de guelras da vizinha gorda e patusca de nelson rodrigues o arjo mau o pornógrafo o irmão do maracanã do mário filho o nelson dramaturgico aturdido diante da imbecilizante intelligentsia brasileira que devorou seus melhores filtros a la glauber nelson e oswald de andrade. as palavras fogem as palavras fodem as palavras podem dizer até o que não querem dizer muitas vezes confusamente dizemos principalmente o que não queremos quando dormimos e sonhamos e nos entregamos aos doces braços desse maldito morfeu que não cansa de embalar meus sonhos de peixinho criança filho daquele peixe que jaz nos escombros de um lixo fétido lá nas barrancas do rio cuyabá com cara de pacu morto.

a caverna é obra de platão e seus filhos que estão de plantão com a foice na mão esperando a morte chegar com sua boca escancarada de seixas e raulzitos banguelas gritando que nasceu há dez mil anos atrás. revoltas pequeninas como as narinas dos meninos da américa latrina que fede a merda quando abre a boca e vem dizendo que fidel fuma charutos cubanos enquanto fala mais de dez mil horas seus discursos enfadonhos e repetitivos revoluções por minuto revoluções dos charutos cubanos

-dá um aí, tchê. diz o gaúcho brizola.

-dá um aí, meu. diz o paulistano pasteleiro de jangada cidade do interior de mato grosso que tem uma pastelaria a cada metro de japonês de são paulo que veio para cá na beira da br 163 longa br que corta mt até o pará até os portos que vão levando soja e capital s/a pra puta que pariu. esses oceanos de plantações sojas que dão nojo de ver apesar do crescimento econômico mas que só é crescimento econômico para aqueles que detém o capital o modo de produção os modos de financiamento para essas produções que mantêm o jogo de cintura num jogo perverso e que nos faz distanciar cada vez mais dos ideais de coletividade por ideais de uma nova frente humanizadora das relações pessoais que estão cada vez mais capengas e entregues às moscas com um egoísmo supremo conduzindo os destinos de cada um numa sociedade que não desperta os sentimentos solidários só na desgraça só nas grandes tragédias só na hora da morte por que não na hora da vida na hora da alegria na hora de usufruir na hora de comungar na hora de gozar que é quando percebemos que a vida vale a pena a pena da galinha do caoticus 9999.

um pequeno livro pode ter o peso de um grande livro?

perguntas sem respostas são tudo que quero para poder escrafunchar saídas para escavar novas pistas do último grande cataclisma do último grande motivo para o desenvolvimento desse tipo de vida nesse planeta terra que conhecemos até certo ponto mas nunca até o ponto inicial. mais fácil vislumbrar o fim mais fácil imaginar uma porrada de saídas nada gloriosas para uma história tão distorcida tão do avesso onde não se tem como ver o outro lado pois a cegueira não sai de um ensaio de José Saramago.

a cada nova peleja vamos adquirindo confiança no ritmo do jogo que nos joga pra lá e pra cá numa reincidência irritante pois os dois lados do campo são incapazes de abrir novas perspectivas à luz de uma nova saída para os marmarjos que se atiram uns sobre os outros numa decisão de última hora com um pênalti marcado em cima da hora e decidindo de um jeito obscuro a torcida irada pede que o juiz se mande que vá para a puta que o pariu seu filho da puta em unísono e depois do jogo espera o cara sair já bem mais tarde mas dois foram bem pacientes esperaram até o fim até o momento em que o pobre veadinho engomadinho filhinho de mamãe como bem disse o tatuzão o primeiro a dar o bote no cara e foi logo empurrando ele para dentro de um buraco que começara a escavar preparando sete palmos para o filho da puta não ficar em cova rasa para não ficar tão exposto ao sol não ficar tão exposto com a boca arreganhada e sem dentes não ficar assim sorrindo na cara do cara do iml que certamente numa cova rasa seria facilmente achado e a intenção não era essa mas quando tatuzão deu o primeiro parece que ali mesmo o cara já morreu na horinha na horinha também uma pancada daquelas também com um braço daquele tamanho pois quando o zezão deu o pontapé final o cara já nem respirava mais já nem estava mais por aqui já nem enxergava mais nada já tinha batido as botas já tinha partido pra outra foi-se para o lado de lá e a mãe do juiz ficou lá num canto desconsolada o filho sem nunca mais chegar o filho do pai do espírito santo o filho da puta do juiz que roubou o time da casa naquele último fim de semana, lembra?

tudo azul na terra de Yuri Gagarin.

assim vamos passando o tempo enquanto assamos o peixe nas brasas do meu bem.

assim e assado como diz o ditado. há somas e subtrações. trocadilhesco trovador trovejando por aí nas barbas do outono. subtraio palavras dessa onda sem novidade alguma da escrita livre como um fluxo menstrual com dor de parto ou aborto eletrônico onde os nus saíram correndo com o lobo Amauri Wolf pelos microntos da vida. explico um conto pequeno. dois contos de réis. quero o nonsense quero a borrasca quero a tempestade quero a incoerência. não quero saber de sua ciência.

meu cubículo arde em chamas de um calor infernal que tórrida Cuyabá.

meu olho mágico embaçou.

tá tudo nublado no reino do vigilante. torres infernais bocetas em chamas da princesa acorrentada no alto.

Henri Miller, seu frouxo, aqui jaz seu cadáver truplicando cá nos trópicos nos passos trôpegos do cavaleiro errante.

IX

temo não sair vivo dessa história.

sei que penso demais sem parar mas é assim que sou e fico tentando preencher seu tempo tentando

preencher seus vácuos seus intestinos vazios para que você se borre se cague se defeque todo e nada mais seja que uma borra fétida ocupando espaços enormes nas latrinas das praças das lojas dos bares rodoviárias cinemas bibliotecas e casas de vizinhos que viajam durante as férias e você finge que é um ladrão que sem fazer barulho arromba a janela e se utiliza de sua casa ao longo de um mês vasculha tudo bisbilhota conhece os segredos do vizinho da vizinha gostosona que passa sempre rebolando diante do seu olho mágico que tudo vê naquele pedaço de mundo mas como eu ia dizendo as coisas se passam assim personagens de um lado escritores do outro como numa luta de boxe às vezes caímos mas às vezes acertamos um sopapo bem dado no meio da cara do autor que parece estar meio sonolento aí você se aproveita e faz o que bem entender em sua história que ele nem percebe quem é quem reinando uma confusão sem tamanho onde o leitor desprevenido não consegue mais divisar quem está narrando, se é o escritor mesmo ou o personagem que tomou as rédeas desse cavalo doido e selvagem que atravessa as cortinas para mais um grande espetáculo.

que importam as angústias de um personagem que narra seu mundinho restrito a um metro e meio quadrado onde fico circulando feito personagens de jorge luis borges em torno de nada em torno de si mesmo em torno de uma cisterna que nunca se chega ao fundo e o deserto vai martelando sua sede até as luzes se apagarem em sua cabeça já curtida de sol rosto vermelho pegando fogo uma febre insuportável queimando a garganta e todos os seus órgãos estão cozinhando que nem galo velho em panela de ferro sobre fogo infernal fogo dos infernos essa coisa que não enxergamos mas que sabemos está queimando nosso próprio rabo essa coisa quente que vai deixando todo mundo doido de agonia e calor essa coisa gosmenta que você me oferece como alimento para que minha alma transcenda além dos limites de uma vida mesquinha uma vidinha pequenina como as narinas do falso dragão que criei em torno de mim mesmo ave são jorge salve-nos desse pandemônio salve-nos desse inferno de dante alighieri salve-nos dessa torre condenada desse castelo sem rei em chamas clamando por um herói salvador da pátria qualquer tipo de herói até mesmo macunaíma até mesmo um mazzaropi da vida até mesmo um super man um nietzsche hq ac qualquer nota lásido (di arnaldobaptista cavalcanti).

mutante

diário é coisa de meninas

agora o diário é blog.

diários virtuais para meninos e meninas.

memórias casuais.

cotidiano na rede.

rede de memórias trança de menina trança de menino.

piercing e tatoos radicais.

punk rock na velha eletrola que toca cd que nada

ranhuras no coração de adolescente irado.

a nova é melhor.

bebedores oficiais

logomarcas

bebes na estampa

carne de criança fresquinha

bocetas verdes de (lapso de memória por instantes – dramaturgo francês – morreu no hospício com sapato em uma das mãos – dizendo que encontrou deus – o seu sentido – radical – à luz das obras mais radicais – pesquisar – ver notas – ver bibliotecas – podem ser virtuais ou não – livro dá mofo – livro pesa – livro ocupa espaço – memórias virtuais – tantos ais – tantos anos – e os ais não passam –

parece coisa de louco – viver é coisa de louco – a gente vai passando e deixando tudo para trás – rastros e mais rastros da caravana que passa – os cães já nem ladram mais – acostumados que estão – já nem choram mais – ais) daqui a pouco lembro o nome dele.

lembrei o nome do francês esquisito: caralho de novo me volta o nome do arthur rimbaud, não é ele, é o antonin artaud. cruélico pantagruélico.

meus heróis são todos esquisitos. ozzy osborne raul seixas tom zé velhas gueixas e queixas no velho mundo das maré eternas ondas que vão e que vem nesse mar sem fim carregando um oceano de mágoas. agora mesmo escrevo enquanto ouço bob dylan. das antigas. sempre será bom reouvir as velhas e boas canções do velho dylan. mas o tempo é isso mesmo igual meio de campo embolado. tudo ao mesmo tempo – título de canção dos titãs? parece que falta um agora.

a música transcende AS TEMPORALIDADES

eis – me aqui diante do abismo e nenhuma corda pra me segurar nem me equilibrar como um bêbado fora de si fora de sintonia fora de círculo. outsider. caximir. wenderground

um explosivo matou o gato da vizinha. a vizinhança tá alvoroçada. o gato se chamava bin laden, será que foi ação do bush?

vou vivendo aqui e me acostumando com as características bizarras do novo mundo. a era bush, a era lula, chavez, – eternamente fidel! canta a rumba na ilha, longa era, a cada novo chamado o povo responde presente e por aqui vai escolhendo presidentes em meio a outros conhaques com café com leite com soja milho algodão. e as refinarias governistas bancam novos ricos para o próximo lance. a sociedade cansada de tanto teatro prefere o princípio tântrico e faz sexo sem parar como princípio máximo de prazer cósmico e fica fixo no lance esperando o gozo supremo o problema é a superpopulação que advém da super copulação sem prevenir nada de nadinha e os ministérios nada saudáveis ficam espremendo pobre contra a parede em nome de um estado protecionista pai de todos os males pai de todos os santos pai de todos os bens e riquezas pai de toda forma legal policial pai de todos que passam fome pai de todos que comem o pão que o diabo amassa todo dia na padaria de cada esquina comam pão pãozinho barato que de francês não tem mais nada só o da esquina de cima lá tem um padeiro francês lá sim o pãozinho é do francês . enquanto isso o gourmet da pobreza faz sopa com um restinho de feijão e pedras pra numerosa família. chega-se a cozinhar pedras eu vi na tv uma família cozinhando pedra pra tomar aquela água barrenta e salgada

“– pedra pra dar uma corzinha, o senhor sabe né?” e assim grassa a ignorância nesse mundão perdido de deus. ao pó retornaremos, à idade da pedra, sopa de pedrinhas, está servido?

alegórico. isso é muito alegórico! afirma categórico o crítico de plantão 24 h por dia sem pestanejar sem vacilar de vigília como uma múmia ou estátua grega, sei lá. você está falando de quê? quem és tu cara de tatu que fica aí enfiado até o pescoço? um grego fingindo ser cuiabano? és baiano? cubano? gosta de tequila? marijuana? ou preferes uma colombiana açucarada como gosta tanto o dieguito? sabia que a droga dá o suporte para você preencher o vazio do branco com sua linda caligrafia de médico monstro? sabia que calígula bebia o sangue de suas vítimas? sabia que o mundo gira a 24 quadros por segundo diante de uma câmera daquelas hollywoodianas que fazem tão bem à sua saúde? hoje em dia até os panfletos ganham oscars. e aí michael moore? colombine. será que combina?

super king saze me.

quem sou eu? pergunto a mim mesmo atônito e praticamente sem saída. como um cavaleiro cego deixo o cavalo me levar por qualquer caminho estou à deriva meus olhos já não divisam nada sou filho de quem? onde estou? que lugar é esse que me cabe mas parece apertado como um buraco de tatu? que porra é essa? a noite ainda não acabou e aquele cara continua a passar diante de meu olho mágico, ele vai e vem indefinidamente não tem um tempo cronologicamente repetitivo ele sobre salta meu tempo de espera ele assusta minha carcaça trêmula que fica a escorrer como uma panela que está nas fervuras jogando leite e mel para tudo quanto é lado fora de todas as manifestações divinas eis o som que fala

mais alto do lado de lá a vizinha agora dança um rock elvispresleiano dança tipo um twist dança aos abraços do porteiro que é agora a hora deles se divertirem o marido longe o marido caminhoneiro viaja sem parar ela fica só com esse calor essa lassidão esse cheiro no ar esse sexo quente voluptuoso cheio de despudores cheio de odores cabeludos que atrai até mosca e língua de gato língua do cachorrinho da madame que mora em frente e que sempre que está por perto vem cheirar seu cheiro cabeludo seu sexo assanhado que tá na língua de todo mundo que tá na boca do porteiro filho da puta e eu aqui de pau mole na mão pensando naquela safadinha e meu pau sem reagir com medo disso tudo com medo do caminhoneiro com medo da mulher chegar da feira com medo de ser surpreendido com a cabeça de fora tímido envergonhado desabusado bicho frouxo fico puto xingo revoltado dou uns tapas em sua cabeça e o bicho quieto mole encurralado.

o som rola alto da parede de lá do outro lado da parede melhor dizendo é que estou nervoso e começo a embananar as coisas fico que nem macaco prego com o peru na mão só que o desgraçado do macaco ainda fica com o pinto duro e eu aqui rebaixado desconsolado com essa porcaria na mão que não vale nada e torno a olhar para dentro através do meu olho mágico. do lado de lá um gemido profundo seguido de um grito põe fim a minha tarde insossa.

X

a chuva cai sob raios de sol dando um brilho especial a esta tarde esponjosa. meus nervos parecem esponjosos. hoje estou grilado. irritado. feito bicho acuado nesse meu território limitado. hoje minha cabeça não quer voar não decola não levanta. meu corpo está dormente sinto dores de cabo a rabo parece que nada quer funcionar. a chuva pinga no canto do olho e salto num sobressalto um pingo e um raio solar outro pingo e não consigo mover a cabeça. estou estático. lembrei que nada existe sem movimento. portanto não existo apesar de perceber que um pingo de chuva me incomoda. minhas mãos estão dormentes. meus pés cansados de tanto circular. o olho fechado. o mágico sem coelhos na cartola estou triste. muito triste e não sei como reagir a tanta tristeza. mas já acostumei com isso as coisas mudam de dia para dia de hora para hora e somos vítimas do estado das coisas. lembrei agora do filme do wim wenders o estado das coisas da dificuldade de se fazer cinema da cena final risível uma câmera disparando contra armas verossímeis. o inverossímil fica por conta da reação do diretor do filme disparando película contra balas de verdade. nas últimas guerras que têm acontecido no mundo temos visto pela tv, repórteres cinematográficos registrando com suas câmeras a própria morte ou melhor a hora da própria morte. pela tv a guerra nem parece de verdade parece mais um filme. atrocidades. é o fim do mundo. mata-se como se mata qualquer coisa gente como qualquer coisa um inseto uma víbora um rato no deserto. o petróleo jorra sangue a guerra jorra sangue e cabeças ao vivo pela tv. estúpida guerra pela tv. enquanto isso as mães choram a dor do filho ausente lutando sem saber por que para que para quem?

a chuva cai e a tarde fica cada vez mais bonita. o canto da cigarra ecoa em meus ouvidos zumbizados. é o fim. penso. logo desisto.

ventos internos dão reviravoltas em meu corpo querem sair mas pareço entupido. borbulhantes como bolhas de sabão mundinho de criança palavras que saem a esmo sem a menor consideração com o leitor ou mesmo com as estrelas que explodem em meu céu da boca estrelas de cristal açúcar cristal cocas cristais montanhas delas no quintal da bolívia vizinha no lear jet do senador do diplomata em seus vãos embaixadores com mala secreta inviolável lembrei de um filme de novo esse obscuro objeto do desejo só que esqueci o nome do cineasta não sei se espanhol buñuel acho que é buñuel. por falar em esquecimento lembrei do cerimônias do esquecimento do escritor ricardo guilherme dicke um dos

grandes da literatura brasileira mas desgraçadamente esquecido nessa terra de verdes matas mato grossenses. exilado em seu estado de nascença em seu país de origem em seu território são as injustiças crônicas da história desse país que não valoriza seus melhores criadores suas melhores criaturas seus filhos são heróis da resistência pois haja força para não ser tragado pela violência brutal do esquecimento vítima da ignorância popular que por ocasião de seu histórico é vítima do absurdo do descaso de uma elite emburrecida e embrutecida pela total ausência de um coração mais flexível em questões que envolvam as pessoas seus desejos suas necessidades.

led zeppelin voa nos acordes de jimi page no computador ao lado fazendo viajar no tempo que nunca pára. se parar acaba tudo se parar morre e parece que morrer não é a tônica do todo morre-se por partes as partes devagar enquanto nasce mais vida para que não se acabe tudo em morte. o negócio é o seguinte a receita é morte e vida não é severina? joão cabral de mello neto porra mas pra que tanta citação? sei lá a cabeça é assim mesmo nesse jogo de memória não tem ordem só tem caos pois se vai de um lado a outro numa fração de segundos e outro e outro e não tem fim essa porra de cabeça que divaga por tantas coisas e não se preocupa com coerências ou coisa parecida pois segue o fluxo de um pensamento em permanente estado de caos de desordem absoluta de entropia.

los hermanos estão encantados com sua beleza é o que ouço ela repetir mil vezes a mesma lenga-lenga. será q agora vai dar certo? será que a carreira agora vai decolar essa menina sempre quis ser modelo mas nada parece dar certo para ela. sim a menina que mora no ap 27 pertinho daqui. ela passa diante de meu olho mágico e só posso concordar. sim. ela vai dar. certo?

uma vírgula pode matar ou salvar depende da ocasião.

tente outra vez canta raul em campanha nacional que exalta a coragem e a raça do brasileiro ao dar a volta por cima em ocasiões de desespero trágico accidental. o ocidente é foda tudo vira propaganda. modos de vida modos de morte modos de se comportar modos de se descolar modos de melindrar modos de sacanear modelos de vida e morte a la gisele bundtchen a estrela do mercado sensação da moda do mundo feliz das models sedutoras e ricas com seus modos de vida arrepiando a galerinha bonitinha e ordinária que se acumula nos portais de entrada da glória da fama da grana da imagem daquilo que imaginam fácil mas imagina tem que ter muita sorte tem que ter muita luz pra brilhar nas passarelas do mundo brilhante e carregado de sutilezas e realezas. rainhas do mais brilhante estado das coisas. fortuna e brilho no reino das beldades. casamento da raposa . sol e chuva na terra de meu bem, hoje eu quero a rosa mais linda que houver. salve cartola salve o mágico de óz dolores salve a zorra desse país sem dó nem piedade.

estou aqui preso nesse destino de zé ninguém enredado nas teias da aranha que brinca de esconde-esconde. ó pátria amada nesse instante repugnante de um narcisismo às avessas de um jogo sem espelho de um espelho quebrado de um gato preto que me acompanha há décadas sempre saltando à minha frente sempre saltitando sobre meu telhado de vidro que não aguenta o peso da coisa louca que é ser mal falado ser mal visto ser mal compreendido nessa floresta densa e cheia de bichos e coisas e árvores que falam já não sei quem tá mais louco se a árvore que fala ou eu que perdi todo o pique para falar alguma coisa qualquer coisa que seja pois agora sou vítima do silêncio sou vítima do mais atroz dos silêncios sem nem saber porque.

XI

55.131 caracteres até agora. obsecado pelos números não poderia deixar de me referir a tal fato.

engraçado é que num livro de contos que estou terminando a seleção o número de páginas maior corresponde a um número menor de caracteres. outra coisa que considero muito interessante é o fato de que escrever no computador para nós que pegamos a fase de transição quero dizer que comecei com a máquina de escrever parece que já estamos lendo o texto impresso dá uma sensação louca e diferente de escrever à mão, muda o jeito de escrever muda tudo é um outro tipo de relação sensorial sensitiva, desperta outras emoções abrem outros olhos que eu não conhecia agora ampliou agora tenho mais olhos agora não são só quatro olhos meu apelido já foi zoín em uberlândia quando morei lá e estudei o segundo grau de calças de tergal camisas de tergal e óculos de aro grosso lentes grossas parecia um animal de tanta caipirice já me chamavam de poeta e nem mesmo eu sabia disso que era poeta que diabo era ser um poeta se eu não sabia o que era ser um poeta aí tentei me comportar como um poeta e até hoje não sei como um poeta deve se comportar se é que existe isso se é que isso é importante para os poetas ou para a poesia se é que isso torna um poeta melhor ou pior até hoje não entendo o que distingue o poeta dos outros seres ditos normais por que também cago tenho diarreia tenho mal hálito ao acordar sinto dor sinto amor e isso não é privilégio de poetas e lembro que minha professora maria inês pagliarini odiava a idéia de que poetas eram seres privilegiados como se fossem habitantes encastelados onde a maioria dos mortais não podiam comungar desse mesmo jeito de viver como se fossem heróis mas totalmente isolados odeio a idéia de ser herói da humana criatura quando o heroísmo só vem depois da desgraçada dessa existência onde todos sofremos de todos os males e todos os benefícios sentimentais sentimentos de tudo rimos diante da cômica desventura choramos diante das histórias desgraçadas nos comovemos diante das frágeis criaturas e todos somos vítimas e somos algozes e somos nada somos zé ninguém somos criadores e criatura se é que isso faz muita diferença a impressão que tenho é de que tudo é a mesma bosta e tudo tem poesia e tudo pode ter histeria e tudo pode virar história até mesmo essas letras escrotas que jorram de minhas veias e correm feito sangue de atropelado atropelado pelas palavras pela palavra morte pela palavra vida pela palavra ônibus ou até uma bicicleta pode te atropelar e quebrar um osso dois três ossos e tudo mais.

caralho escrevi vomitando

esse texto é punk?

quem sou eu?

quem somos nós?

narradores do imperioso acaso?

documentário ou ficção?

de quem são essas vozes?

vós e vozes vós sem vozes silêncio de fezes tudo no mesmo ralo escoado ecoando surtos psicóticos filhos desse tempo dessa química pútrida que a tudo deixa obsceno gosto dessa palavra vã e tola como o fundo de suas calças sem sonhos obscenidades nulidades vã poesia vã filosofia filhos da falência de todos os sistemas de coisas que nos fizeram acreditar de toda liberdade de escolha que nos colocaram como prisma de consciências que se pretenderam duradouras se não sou exemplo pra nada o que resta de meus ossos a não ser pó e farinha de osso fedorento a contar grãos de areia na direção de um infinito impalpável?

quem somos nós que voz é essa que preenche os silêncios de tudo que resta a soma do rastro a chama que principia todo gesto sem medida e que deixa só silêncio e bolor?

que vozes são essas que dissonantes me mostram o outro lado da harmonia de canções que nunca fiz ou cantei? que musas são essas que invadem meu espaço como um poeta grego babaca e maricas que não conhece o próprio pau e a força dos moribundos condenados?

perguntas perguntas perguntas!

não temos respostas para os peregrinos que não plantam e portanto não criam raízes e tampouco asas

para voar.

XII

tarefa hercúlea escrever isso aqui. sim! isso, por que não tem nome. o inominável becketiano. aquilo que não se traduz em coisa muito menos em nomes mas só em essência. como uma diarréia como disse um militar num filme de ridley scott um peido cerebral um vômito cerebral um cérebro em franca expansão na direção dos infinitos tudo aquilo que não cabe aqui tudo aquilo que não nos cabe nem acabe como um beligerante extremado que avança atirando sem saber no que em que pra quem pra quê? avançando ora meninos ora rosas ora espinhos como fiz num verso meu consolai-vos meninos e meninas a vida é assim ora rosas ora espinhos tinha uma rima bacaninha mas não lembro mais mas não me pergunte porquê ? escrevo isso aqui. sou hérules sou sansão não sou dalila maldita cabelereira vizinha de nelson rodrigues e cia.

oh! dalila não chores por mim já nasci careca portanto sem forças .

a bíblia e seus mitos heróicos e divindades santificadas na pureza do ser. ora valéry ante a pureza de não ser.

o universo se expande a gente também expande a gente é cópia dele é reflexo é luz é escuridão a gente é tudo que cabe aí no microcosmo no macrocosmo na efervescência milagrosa da vida que explode nasce explode e morre num trágico acidente da br 364

br 364 via de acesso para a explosão dos seus nervos como morrer de taquicardia por exemplo quando o coração literalmente sai pela boca e morrer também é uma forma de expansão e a gente vai atropelando tudo e vivendo no ritmo da cabeça no ritmo contumaz dos pensamentos que pulam de galho em galho feito macaquito louco e punhetando o tempo todo feito um macaco prego diante da platéia excitada com suas manipulações onanísticas onam o bêbado o punheteiro o filho de leiteiro o punheteiro filho da puta que fica batendo punheta no quintal para a vizinha a tudo assistir e suspirar e pedir a deus – valei-me valei-me livrai-me do pecado da carne mas a carne tremula e sacode e suando não resiste e morre após um gozo fenomenal aos 85 anos se lambuzando do mel do gozo da vida e do fel do gozo da morte e tudo passa e é tão breve.

br é estrada brasil é estrada brasil é estrada de fé e talentos explosivos não canso de dizer nós brasileiros é quem somos os verdadeiros heróis dessa estória toda sem h sem papo furado sem balela nós sim fazemos de um jeito gostoso de viver apesar das sacanagens da história com h oficiais e cheias de lorotas para inglês ver.

a balela não é parente da baleia, balela é vazia baleia é cheia de gordura e carne e leite pra derramar lágrimas de mel durante a fase de amamentação de seus filhotes. portanto deixem as baleias em paz .

meu cercado hoje tá especial cai uma leve chuva mais parecida com uma garoa sob um sol brilhante de fim de tarde toninho poeta a voz é sua, “já até arde em mim a esperança...”

as vozes dos poetas são vozes de pássaros emitindo lindas notas nos quintais ensolarados repentinamente assolados por uma brisa suave e enchendo de frescor a divina tarde. as cigarras emitem seu canto zumbizando por toda a mangueira.

tristes ais do poeta. tristes sais se espalhando pelas línguas de bovinos embevecidos e babando viagem com seu coco de cogumelos . santa divindade do lsd e seus prazeres de clarividência caminhos de luz se

abrindo como flechas atiradas das mãos de um guerreiro que vibra como música.

lobos se acercam da presa solitária e abatida em meio ao cerrado estupendo que jorra luz e divindades, elementais das mais variadas formas e texturas de vozes cantantes de vozes de trovão de vozes sibilantes tal qual a cascavel que passa soberana num passeio repentino. as vozes se entrecruzam e harmonizam em sinfonia mais que perfeita, de repente tudo se transforma numa linda harmonia que a tudo recobre e meus instintos se subtraem para uma placidez inigualável agora sou capim sou braço de árvore sou água de cachoeira sou lobo guará na solidão infinita do cerrado cósmico.

agora sou mosca sou raulzito sou bandido sou nada nadando pelas redondezas de sua alma calliente sua alma fria sua alma destemperada sua alma desconhecida de dias insones alma desgarrada famigerada vives por aí a cavucar problemas onde a força das coisas são maiores e mais potentes na tarefa de conduzir as coisas em seu ritmo mais que normal de uma natureza das coisas que cumpre ciclos independente de sua vontade independente de sua sabedoria independente de seus cheiros ou acnes que incomodam tanto sua adolescência arrogante e cheia de equívocos uma arrogância um tanto burra em que nos reportamos a um tempo onde a sabedoria se esquivava que nem peixe ensaboado que nem quiabo em panela de vovó.

subitamente as vozes cessam o cerrado some da tela de minha memória e um pássaro sabiá laranja no quintal vizinho de mangueira gigantesca e secular traz-me de volta à superfície de meus dias que demoram a recomeçar pois estou sempre entediado em busca de novas aventuras mas não consigo agora nem dar o primeiro passo e passo a reconsiderar meu sistema de vida como se eu tivesse forças para mover o mundo feito um atlas imbecil cumprindo tarefas ordenadas sobre sua cabeça sobre suas forças e quando percebe já não pode sair daquilo pois perderia sua essência sua função como ser que serve a alguma coisa. sábio é o vagabundo sábio é o sabiá sábia é a mãe.

XIII

pela hora da morte. há dias não vejo minha esposa. onde ela foi parar? da última vez que a vi ela chorava chorava copiosamente se lamentando pela vida que a está levando como cachoeira. como uma chuva que cai e escorrega para o mar numa atração irresistível desce para a boca sedenta da morte. o grande lago do misterioso reduto dos filhos de cronos. cemitério de todas as almas a vida escorre pelos dedos do tempo como areia de um imenso deserto que beira as raias do infinito que roça o improvável de forma quase imperceptível um beijo de beija-flor no entusiasmo da primavera. nesses momentos o melhor a fazer é recuar ela parou bem em frente ao meu olho mágico de onde tudo se vê e ali mesmo chorou com um sentimento tão profundo que me comoveu até o fim de meus nervos e sentimentos. naquele momento eu esperava a passagem da garota modelo, qual não foi a minha surpresa ao me deparar com ela a companheira de tantos anos com um choro que vinha de suas profundezas não pude deixar de me amaldiçoar um rastro de culpa me perseguia como fantasmas grudentos a cada passo meu em meu círculo de vida aqueles rastros iam surgindo pegajosos e cada vez mais ameaçadores meu coração disparava como metralhadora o som grave das batidas taquicárdicas ecoava em meus ouvidos internos ouvia todos os sons do meu corpo, o sangue disparado nas correntes marítimas de meu ser arfante mar vermelho excesso de sal estou retornando ao pó de todos os santos e finalidades religiosas estou me reatando ao tempo que pertence ao não-tempo ao tempo invisto ao tempo que apenas pressentimos como máquinas à espera da próxima transformação. os olhos de rosália estavam grandes e brilhantes naquele momento sua boca trêmula estava tão sensual que tive ímpetos de beijá-la, mas já não a toco há tempos não sei como ela reagiria e naquele momento ela deu meia volta e sumiu já fazem uns três dias que ela saiu sinto sua falta sua presença mesmo que distante faz-me falta muita falta.

rosália, minha flor sem jardim rosália de pele macia e sedosa rosália sem espinhos mulher que mexe com meus brios de macho fogosa e delicada como ninfa do cerrado regiões obscuras te acolheram não consigo pensar nem vislumbrar seu corpo que me escapa como peixe de profundas águas seus olhos bailam distantes seu canto desperta encantamento fatal salto no olho do lago cristalino águas tão claras e profundidade enigmática não chega nunca a superfície abissal. todo chão é superfície o fundo é superfície de outras profundidades sigo as correntezas que me arrastam para outras esferas a canção não tem mais fim a beleza de sua voz é tão atraente como o imã mais poderoso que pude conhecer. engraçado é que não sinto falta do ar atravesso insondáveis mundos submersos e não sinto medo só a presença mágica de seus encantos seus braços me enlaçam em abraço mortal.

XIV

quero sair daqui caralho. estou mofando estou perdendo o espetáculo lá de fora os foguetes espoucam as champanhes borbulham os céus se abrem e meu espaço se aperta agora que não vejo mais nada. há horas não passa ninguém diante de meu olho mágico e só consigo reviver mundos de imaginação. imagino coisas que não alcanço e meus olhos parecem vestidos de camisa de força aprisionados em órbitas lunáticas ultra-crazy. hospício de olhos operações catastróficas – a anatomia do ser girando em círculos terminais – o ensaio da cegueira do velho portuga que não sai da caverna peninsular girando de continente a continente incontinenti sofro de incontinência urinária estou aqui a mijar nas alças de seu velho soutien cor de rosa que caiu do pequeno varal de peças íntimas. quando era menino tinha mania de cheirar as calcinhas lavadas nos varais da vida nos quintais cheios de mangueiras onde vivíamos na sombra nos interiores do brasil esse país interiorano nesse país onde quem é do interior é por que é do interior do interior é quem mora no útero do útero. caipira pira pora.

tive catapora aos 7 anos de idade.

sou filho de farmacêutico e não sou carlos nem drummond.

raimundo mundo imundo.

se eu me chamasse raimundo seria solução pra que mundo?

gosto de chupar mangas sob frondosas mangueiras.

gostos tropicais abacaxis melancias bananas abacates mamão.

gosto de solida chuva. tempestades de verão.

carne seca arroz maria isabel feijão preto feijoada cachacinha da hora bife e batatas fritas banana da terra pacús matrinchans e o bendito baseado que ninguém é de ferro. gosto de rede e viola caipira do mugido do boi do cheiro de mato com chuva.

rosália cai aos meus pés e se transforma num poço de lástima. suas lágrimas e seus gritos ainda ecoam em minha cabeça quando ela diz aos berros que seu fracasso é apenas o resultado de uma vida sem muitas perspectivas já que não nasceu de nenhuma família que fosse de algum berço político ou berço de ouro que não quis usar seus dotes femininos de rara beleza que o movimento migratório que os trouxe a mato grosso não fora aquilo que esperava seu falecido pai que era um advogado muito romântico e idealista apesar de conservador era idealista e que crescera como artista num país filho da puta na periferia de um país filho da puta ela berrava aos gritos que seu grande valor já fora reconhecido em outras épocas que o país vai mal economicamente só os ricos tem condições de levar a vida que todo ser humano pediu a deus que temos um presidente da republiqueta do brasil que posa de país grande e que o fato de ter um operário-presidente da república que já nem era operário mas mesmo

peixe morto das obesas ameriquinhas espalhadas por aí.

reconheço labirinto nos centímetros cúbicos do meu espaço mini cúbico onde giro em torno de mim mesmo numa estranha auto-órbita sem sentido algum espelhando a vida e seus vazios contumazes. deus do céu quanta estranheza nessa missa juvenílica como titica de galinha que menino pega e come no quintal seco do mini brasil desenhado na lousa o famoso quadro negro que sempre foi verde escuro.

mesa de sinuca às duas da tarde vagabundeava nos interiores de mato grosso os vagabundos mais atrevidos sempre foram os melhores jogadores não atrevimento de fazer arruaça nem ficar metido a besta mas na capacidade incrível de orbitar uma mesa de sinuca a maior parte de seus tempos se dedicar conseguir passar a vida em torno das mesas de seus prazeres e gostos. duro é ficar metido em situações onde a gravata aperta o nó e o cara não consegue sair de seu próprio castigo como o grego sísifo carregarás pedras pela eternidade e nunca concluirás a tua tarefa.

bola sete

caçapa de boca estreitada

taco de ouro que nem reluz

um magrelo seco jogando uma sinuca que é pura arte

vulgo meio-quilo áz da bola sete

a cachaça luzindo na mesa cheia de copos

a pele de porco crocante.

risos piadas de salão de sinuca

baforada de cigarro

o som zoeira total. ao fundo zeca pagodinho no quintal som background.

charuto é o dono do pedaço. charuto cuiabano.

gente boa paz circula acertando bolas no fundo das caçapas das grandes mesas iluminadas com seu pano verde se esparramando pelos nossos olhos.

escrever isso aqui é papel de sísifo.

XVI

não consigo encontrar o prumo muito menos o rumo e é assim que consigo ir andando respirando página a página como uma tarefa que me parece impossível às vezes como aventura que nunca sabemos onde vai dar não tem mapa nem mina só tem o fim do arco -iris onde tentamos chegar e pegar o pote da fortuna mas como disse um poeta amigo meu: o céu é um lugar como outro qualquer o amor também a ilusão.

sérgio dalate na lata: vida curta tão cartoon.

tudo rapiduz

como se furta um.

XVII

a chuva fina cai como ácido queimando tudo que aparece pela frente olhos pele cabelos a fina flor do jardim que se estende aos olhos meus de íris exposta – longe de mim o dia em que a cigarra cantou o fim do mundo sob os olhos ávidos da platéia composta de extremados profetas brandindo espadas de discórdia com seus verbos fraturados de meios apocalipses – digo – bocas de bosta cheias de merda e palavrões fechados na própria ignorância onde não se distingue um mínimo de luz ou sombras à beira de colapsos nervosos cheios de tics nervosos cheios de vilezas e torpezas denegrindo a raça humana como incapaz de solucionar seus problemas mais contundentes seculares caminhando na direção de um infinito carregado de distorções e válvulas de escape sangrentas batalhas do dia a dia de seitas e religiões acostumadas com a complacência dos humanóides frágeis e a ira de deuses e demônios. caminhamos assim...lentamente como bois na direção do abate como cordeiros marchando para o reino dos céus prometidos mas promessa de padre é como promessa de político ninguém acredita mais apesar dos rebanhos se ampliarem com a construção de novas igrejas em cada esquina com suas torres de transmissões onde levam a ladainha de todo dia com a promessa de um paraíso melhor e mais acessível são muitos os paraísos são muitos os terrenos que se prometem no céu com descontos promocionais acima da média dos terrenos terrestres mas se é terreno como pode estar no céu? preciso avisar a galera: não acreditem! não pode existir terreno a não ser na superfície da terra pois se é terreno deriva de terra. céu tem sereno. não resisto à tentação e vou citar um poema do Fábio Guimaraes; e a rosa/entre o ser e nada ser/ amanheceu serenada.

minguada flor do pântano. a serpente se enroscou em sua haste sem espinhos e adormeceu nem tento colhê-la a amada vai ter que aguardar mais um instante para receber o presente que ora quero dar. não são flores do mal de Charles Baudelaire são singelas simples pequenas e carregadas do mais puro perfume que se conhece flor sem nome nesse imenso jardim do éden que nem macieira tem. o fruto aqui é manga caju cajá abacaxi mamão figo jaboticaba maçã tem no mercado supermercado o mais novo paraíso das tentações o pecado tem todas as cores e texturas tem cheiro cor apelos irresistíveis para quem é vítima da propaganda e do consumismo desenfreado que desorienta as gerações mais novas

cada vez mais cada vez mais.

nem bem amanheceu e os pássaros arredaram suas asas desse brejo onde vejo uma vaca atolada até o pescoço.

XVIII

vem chegando o carnaval e a galera cai nos braços de todos os sambas. os quintais repletos de cerveja e restos de churrasco quando a escola passa e cai na folia de momo mama mia que susto. assim vamos matando a humanidade de susto e anti-poesia os dentes já dormentes afogam em carícias vampirescas roçando sua pele de pêssego já murchos pelos céus de bocas infernais. a tecnologia tomou conta da avenida e rasga um samba pra lá de tecnoalegórico – era de momos cibernéticos – pierrots e colombinas da mais pura origem direto de las budeguitas colombianas a quilo a grammas a papelotes de dez de vinte.

passei batido pelo natal e pelo ano-nuevo velho desgastado. como pensei outro dia: mais um janeiro. mais penas desgastadas. diante dos fatos não há argumentos mas o que são fatos a não ser aquilo que acontece e tão somente? depois de narrado o fato não é mais fato é a representação que se tem de um fato expressada seja como for a não ser se penitenciar em um silêncio sepulcral como dos mortos que nada mais revelam.

era uma vez no oeste de sergio leone me deixou petrificado. como diante de tanatos. ou da barca de caronte. um gosto de morte numa temporalidade esquisitíssima. a gente prega o olho e não consegue desgrudar como chiclete, chega um ponto que não tem mais volta você vai terminar aquela viagem custe o que custar essa viagem por mares nunca dantes navegados. soy loco por ti américa. new iorque são paulo buenos aires – méxico – vulcões mais maias e incas lincados numa temporalidade que não resume nenhuma ópera nenhuma peça no seu âmbito de um tempo definido – mas num tempo onde cabe todos os outros tempos uma suspensão de todos os tempos num tempo só onde as crenças perdem o sentido pois seria a eternidade conquistada em um âmbito que não define nada. mas cabe tudo.

liquidificadores cósmicos na salada dos tempos.

e destemperos. temperos múltiplos. sinal dos tempos. apocalípticos de uma era.

jardins do além. salve salve. skindô lê lê.

segura o pé que o samba vem aí com a bola toda desfilando na avenida toda sua mocidade e velhidade independente do sexo ou grau de loucura. vejo que a loucura é muito mais um instrumento utilizado para ocultar nossas histórias mais escabrosas. tudo que se faz nos escombros das guerras sucessivas que vivemos desde que nascemos e vemos ao vivo a bomba explodindo o coração a bomba man aquele homem-bomba aquele tiro que sai pela culatra da história. somos todos filhos e pais de uma decadência muito acima de nossos valores ou quererem. a coisa tá esquisita reconheço em mim parte disso tudo também exprimindo aqui toda minha dor com a perda de referenciais que nunca sei quais os mais adequados quais os mais afeitos a meu gosto meu profundo desgosto por tudo meu desagravo por tudo meu espanto com tudo meu mundo que se desfaz como bolha de sabão. ilusão.

segredos são sagrados. a maldita rede da aranha saltou sobre meus instintos de defesa e passou a corrigir sintomas de decadência em meus atos malditos que me fazem sacerdote dos mais estranhos comportamentos que afetam de um jeito ou de outro as relações humanas mais próximas e assim me redimo me purifico prefiro ficar em minha rede de tranquilidade ao sol da tarde caindo e dos pássaros dando o tom da trilha sonora que invade meus instintos paternos assumo dali o reinado de minha casa morada onde se abrigam diversas gerações e expressões da maluquice humana da experiência

aparentemente desarmônica mas rola uma harmonia de esferas superiores pois há um entendimento de que as coisas caminham assim mesmo numa escalada sem fim aos píncaros da morte. com glória ou sem glória.

mas como eu ia dizendo segredos são segredos.

XIX

agora sou frio como uma estátua de michelangelo. nada falo nada sinto. sou frio como a múmia de tutancamon. esfinge de mim. não me reconheço por alguns instantes perco a memória e me esqueço. sou estátua. minha tez é rígida. não tenho sentimentos vão apenas pelo espaço tempo indefinido como um bloco de notas esquecidas largadas ao vento.

sou poeira sou nada. dizimado pelas notícias que vêm pelos telefone da vida. móvel. auto-insuficiente como todos los otros seres que habitan deste lado del mundo.

latino latrino ladino latindo por aí que nem cachorro louco.

correndo em busca de rodas principalmente às de ciclos móveis. duas rodas. olho bípede acompanha esferas redondas lançadas aos terrenos onde a hipocrisia reina generaliza-se nos atos do grande teatro del mondo cani.

entrei pelo cano do navio de 6 balas que afoga minha morte em los ojos del dia sinistro.

45 graus colt western brazil mato grosso.

sei lá.

algo estranho no ar. deve ser o estanho.

balas queimam a garganta mentolada do viajante de outras cruzadas.

quero você nonsense.

quero você absurdoente.

quero você poente de minh' alma.

quero você minhalama.

mergulhar nos podres roteiros de uma carne trêmula de almodovares.

quero brincar nos campos dos senhores de todos os reinos dos céus.

quero morder os ombros e as asas da borboleta que passa diante de meu olho mágico. quero reviver meus livres acessos de furiosa libertinagem. bêbado e decadente arranhando a superfície e as profundidades de soturnas noites. quero ser calliente como o inferno de dante. quero o sabor amargo do fel. quero a suprema decadência. não quero saber da sua consciência supostamente rigorosamente em dia com suas contas prestadas a seu deus. não quero saber da sua inconsistência. não quero saber da sua ciência. não sei o que vocês querem de mim. santo sacco. sacrossanto. sacco cheio de remendos estourando pelos lados e deixando escorrer porra por todos os lados como um demente que vai se deixando arrastar pelas velas escuras e fedorentas dos becos fétidos do centro da docicidade entre bananas e mel escorrendo caldos adocicados e cheios de moscas persistentes querendo lambe o beijo da banana, a propósito, banana tem beijo? banana tem gosto de quê? a platéia mais que rápido responde em unísson: gosto de banana. respondo que não que depende de seu estado olfativo sensível gosto sensível. depende do estado das coisas - maldita lembrança sempre tem alguém né wim wenders? depende da banana da sua crônica falta de apetite da sua falta de gosto da sua língua lanhada

descascada e assada e mal dormida e seu nariz entupido então eu respondo que o gosto da banana depende das condições engendradas pelos estados das coisas naquele exato instante e que tudo exige uma relatividade pois cada coisa em seu lugar cada coisa em seu momento cada coisa tem sua hora pra acontecer e a banana estava podre e você sorriu e concordou comigo pois aquele gosto não tinha nada a ver com banana uma vez que você acordou com todas as narinas entupidas e não sentia gosto de nada e a banana estava podre e perdeu seu gosto originalmente maduro na hora certa estava passada e tudo que passa do ponto perde aquele gostinho equilibrado que todas as frutas têm. agora fico defendendo equilíbrios e bons sentidos quando a alma já se perdeu e voa por ares de outras eras tenebrosas eras. e assim começa nossa história. era uma vez.

toda história tem um fim cumpre um ciclo certo? e uma não-história tem fim?

– vou para o vinte!

ascensorista paciente aperta número vinte. seta verde aponta: subindo.

era uma vez.

XX

o século XXI já começou? muita diferença no ar. hoje tudo é mais veloz e mais superficial, o poder da imagem superou todas as expectativas, a sociedade da informação vive dos olhos – sujeitos imediatos da supremacia da imagem em detrimento dos outros sentidos. se bem que os agentes que fazem as propagandas estão cada vez mais subordinados às pesquisas como semente transgênica feita para supostamente melhorar a produtividade ufa como se fala em produtividade como se fala em organização e planejamento existe uma tendência de esvaziamento das relações mais pessoais é tudo mais impessoal mais virtual até sexo se faz através da rede – ainda não arrumei nenhuma namorada virtual mas um amigo disse que era bastante frustrante após o gozonan. mas eu ia dizendo sobre os criadores das propagandas para lançamentos de produtos pesquisam até o cheiro cor textura forma e o caralho. os caras estudam a fundo como poder interferir nos níveis psicológicos do indivíduo e levá-lo a se tornar uma máquina consumista que nem vê o que compra. compra-se compulsivamente e logo já está trocando o último produto pelo que ainda vai ser lançado no mercado e aí vira um ciclo infernal que contribui enormemente para a destruição de nossas reservas naturais. mas meu amigo vítima da propaganda enganosa e com as mãos calejadas de tanta masturbação até hoje não conheceu as carnes de uma fêmea ou mesmo de um macho sei lá eu sua preferência mas não é isso que importa sei que ele se consumia com as formas dela na telinha do computador e marcou um encontro após dois anos de relações virtuais qual não foi sua surpresa ao se deparar na hora marcada com uma mulher absolutamente diferente daquela vista através dos brilhos da telinha que a deixou irreconhecível. para começar ela tinha apenas dezoito anos na foto agora tinha 45 engordou absurdamente os cabelos rarearam e perderam aquele brilho o frescor dos dezoito anos que afinal como qualquer outra é uma idade única e jamais faremos dezoito ou vinte ou mesmo 40 novamente. ao vê-la naquele quase encontro pois ele percebeu que a mesma já não era mais a mesma.

a distância fria gera uma outra perspectiva para relacionamentos interpessoais devidamente à distância sem maiores riscos uma imoralidade superficial sacanagem quase literária as palavras mediando o prazer. a sedução ainda vai lá afinal as palavras sempre foram armas mortais para um sedutor galante e poético para quem tem língua habilidosa. cacete! mas por que estou falando disso se nem filósofo sou? fico aqui metido a besta tentando criar argumentos para situações que mal me interessam. quero mais é poetizar deixar o verbo solto o pensamento livre como andorinha que sozinha não faz nem meio verão. faz inverno aos meus olhos que embaçados de tanta tristeza me fazem rodopiar feito pião nesse quadrado ridículo onde venho vivendo os últimos anos já até perdi a conta. rosália está em casa hoje sinto o

cheiro da comida que ela prepara sempre com tanto carinho e deixa ali para mim debaixo da porta nem rosália se atreve mais a entrar em minha morada meu cubículo do qual não tenho saído para nada. rosália foi cedo para a feira nem percebi que tinha retornado. sua comida é gostosa cheirosa mas quase nunca como não tenho fome de nada não tenho vontade de nada hoje estou com sono e cansado de tanto girar nesse chão cimentado e áspero papéis espalhados por toda a superfície vejo um que me chama a atenção lembrando que tinha pedido depoimentos de amigos meus ou conhecidos sobre essa experiência de fumar pasta base que serve para produzir ou melhor refinar a poderosa cocaína: imperatriz dos tempos atuais. o mais louco é que quem conhece a b.a (apelido da pasta-base para a galera) sabe do gosto de plástico que essa porra tem e dos seus males terríveis. o físico não aguenta muito tempo ela detona o cara ela aniquila ela mata rápido. lembro de um noticiário sei lá em que ano quando morreu de tanto fumar pasta-base jovem negro jogador de basquete e que no momento que morreu ocupava a cadeira de prefeito de washington. pensava na minha ingenuidade: porra um prefeito americano fumando base? depois fui percebendo que os políticos também são humanos. será? aí lembrei do poeta americano e.e.cummings “o político é tudo aquilo que não cabe no humano” sou muito ruim de memória mas parece que era assim o verso, é cummings: “humanimaldade”.

peguei o papel com o texto de um amigo sobre sua relação com a nória (como a base também é apelidada) e passei a ler curioso pois já não lembrava se havia lido aquilo um dia:

“Um ruído, um susto.

É horrível com muitas pessoas, um nória o outro. Tudo é viagem mas apenas alguns percebem, mas é agonizante a paranóia, o medo constante. Me pergunto, como pode ser prazeroso?

O álcool é forte aliado. Relaxo um pouco.

Cinzas, palitos, uma lata furada e uma paródia: quero ver quem é capaz de dar uma latada e descansar em paz. Quem não tem popai de vidro derreta a primeira pedra.

Muita nória já rolou, quase pirei ou pirei? Hoje se resume em apenas alguma cabecinhas de 10 ou de 5.

Acho que é para adrenalizar o cérebro que não consegue mais ficar totalmente sossegado.”
(w. 28 anos, vocalista)

afinal: isso aqui é ficção ou documentário?

XXII

outro depoimento escrito por outro conhecido meu:

“Dei uma latada avistei algo fui então até a cozinha para conferir mas não avia ninguém lá então peguei uma faca e fui para o quarto olhei no guarda roupa também não avia ninguém e eu não se contentava fui procura debaixo da cama não encontrei algo nenhum no local muito cabrero fui para o banheiro abri a porta e não avia ninguém percebi que estava procurando no local errado que ele estava escondido na sala tirei a capa do sofá também não avia algo nenhum e eu nunca se contentava até que então fui procurar debaixo do sofá outra viagem perdida então eu falei só resta um lugar no forro escutava

barulho mas não via ninguém de pois de algumas horas persebi que não passava de uma noiação.” (e.s. 22 anos, master de uma tv pública)

caramba! será que tudo que tenho visto através de meu olho mágico é nóia? onde estará a realidade que já não sei mais?

lendo os depoimentos escritos pelos amigos vejo que nestas circunstâncias uma separação entre realidade e paranóia passa a ser quase impossível. tanto é que já perdi a noção do tempo que estou aqui tragando essa maldita fumaça com gosto de plástico queimado que dá um prazer louco mas começo a perceber que é um prazer mórbido e isso começa a incomodar minha cabeça que já não pára de matutar e que mais uma vez estou noiado suando sem parar assustado os olhos arregalados um mísero rato que passa já é motivo para levar um tremendo susto e ficar por mais duas ou três horas esperando ele passar novamente. a gente fica com a sensibilidade extremamente à flor da pele. mas que flor é esta?

Outro papel escrito:

“Cada latada me faz retornar ao ponto que esperava chegar, toda primeira latada é o supra sumo do barato. Depois vai agonizando. Agonizando demais, parece que vamos chegar ao barato total e nunca chega. É uma estrada sem fim. Sei dos riscos, mas não consigo parar. Já até roubei pra comprar nóia.” (G., 30 anos. Advogado)

XXIII

maldição de dados. Não. não são os dados de mallarmé nem do jogo que a gurizada pratica agora na casa da vizinha ouço seus gritos e lamentos ouço sua algazarra mas não é isso o lance dos dados que me deixaram chocado foi saber que cinquenta por cento ou pouco mais de nosso esforço produtivo vai para o governo metade do nosso trabalho é escravizado somos sodomizados por esses canalhas que nos enchem de impostos e obrigações rotineiras pra lá de sacanas. escravos oficiais de um estado que não perdoa e prende ou mata tanto pelo excesso quanto pela exclusão. será que tem solução? se ao menos esses valores fossem redistribuídos para melhorar a vida das pessoas para devolver uma dignidade que só se conhece quando nascemos por que a mãe dá dignidade com seu leite completo mesmo sub nutrida seu corpo é a matriz de nossa alimentação. tão amoroso e tão eficiente que de nada mais um recém nascido precisa. mas quando desgarramos as diferenças se ampliam para índices absurdos e perdemos aquela natureza diante de uma cultura cruel que alimenta porcos em detrimento de humanos que joga fora mas não distribui que cultiva excessos e faltas cavando a profunda desigualdade que nos afasta. hoje estou pura revolta meu fígado apodrece meu humor desaparece já não consigo conter a descrença nem manter a indiferença mas percebo o quão sou pequeno o quão sou parasita paralítico limitado preso a fios invisíveis de impotência social.

e fico aqui. quieto. assustado. pequenino. acuado. anestesiado. desgraçadamente impotente diante da minha falta de fome.

brasil brasil. por quê me abandonaste?

XXIV

o ninho se desfez. os pássaros se espalharam como milhos no milharal. imensos os campos de soja se alargam ao horizonte. tão infinito quanto o horizonte espalha verde na retina abismada. o cheiro de veneno empesta o ar. malditos ares que levam a doença pelos céus abraçado às crianças com sua mortalha calliente embala crianças num colo de morte a sorte está lançada senhores. quem dá mais? o rei da soja? a tristeza é que nós não participamos da colheita dos bens que a humanidade vem ralando desde cedo. os vasos comunicantes se entupiram quando deram o primeiro grito. um grito primal original iniciando a revolta dos excluídos. tombè tombo tombaço.

a queda funciona para todos. todos caem.

mas o prazer não. funciona para alguns apenas. quer dizer acho que não é bem assim. pobre também tem prazer. miseráveis também gozam. mendigos cuspidos pelo ralo da história. ferro neles! berra a madame assustada do salto alto de seus fricotes. medo! pânico de pobreza .

- oh meu deus! até quando teremos que conviver com essa pobreza feia e subnutrida? como são feios! como se alimentam mal! seus intestinos se dobram em espasmos.

- seu cu cheiroso peida também madame. comeu porco hoje? leitão? batata cozida? bacalhau? seu arroto tá azedo madame. fecha a boca fecha fecha.

grita o rapazote pobretão com um X na boca.

- madame, por acaso cagas cheiroso?

solta ele a última fazendo a platéia explodir em gargalhadas obtusas que se espalham como os gritos histéricos dela que berra fino agudíssimo explodindo meus pobres tímpanos. essa hora resolvo me recolher. recolho minhas asas e volto a pousar em meu cubículo de memórias. sou os ossos que habitam os baús do meu querido suicida pedro nava. e la nava vai. de mãos dadas com federico fellini.

pausa.

voltei com a questão da miséria novamente. intrigado. entristeci quando lembrei da cara do rapazote diante da arrogância estúpida daquela madame de cara borrada coberta de cremes caros como máscaras de sua irrelevância escondendo suas realidades mais palpáveis. suas carnes malemolentas e dentadura escancarada sua ira nos olhos vermelhos nenhuma bondade em seus gestos frios e distantes nenhuma noção do vazio doloroso daquele guri de dentes cariados e barriga estufada de vermes e vazios. sem endereço a não ser as imensas ruas da cidade. seu único parque de diversões. a rua fria e escancarada com sua boca mortal de tantos mal cheiros e esgotos. a boca fedorenta dos lobos que saltam como furos nas malditas veias subterrâneas da cidade do abandono. nenhuma mão dela de anéis gigantesco como insetos incrustados em suas garras de morfética se estendem para ajudá-lo. os olhos dele tão longínquos não esperavam mais nada. via-se a consciência dele brilhantemente amarga em suas pupilas dilatadas e turvas. jóias da cidade.

cintilantes.

XXV

crisântemo. ave. cristo! i love you. ai meu deus. e agora? o gato preto cruzou minha frente rápido e velozzzzzzz como um raio negro como um susto passou esquivo pela esquina da menina esquizofrênix. a tela do filme que assistia se espatifou em poucos segundos. um quilo de discórdia. um monte de asneiras rolando pelas bocas alheias aos nossos desejos e interesses diversos. como um saco plástico sem

função alguma que vai parar numa cesta de lixo de plástico de banheiro de rodoviária. fétidas bocas –de – lobo da docidade. um fio de memória arrastando sincronicidades uma rede de telepáticas figuras que orbitam esferas invisíveis de uma consciência tragada pela maluquice de fumaças amareladas de cigarros fedorentos e bocas líquidas escorrendo caninha oncinha cinquenta e um bagaceira puríssima bagaceira puríssima cristalina nada a ver com o crisântemo. cristo esqueci-me de como iniciei a pintura que agora borra meus olhos que agora borra meus culhões que agora borra meu cu cheio de merda mole diarréia afinal também sou filho de deus também como apesar de quase nada mais nesse pequeno chiqueiro que minha vida se transformou nesse pequeno espaço onde circulo feito fera abestado feito fera tresloucado feito fera como diz a canção balbiniana “tem dias que acordo feito fera caçador saio à espera dessa presa indefesa nessa noite de luar.” a lua roda rola gira solta no céu limpo de marechais e prostitutas embevecidas oh cidinha ciciante cheiro de cabelos de flor de laranjeira oh luar tão cândido oh cida que adoça e açoda meu olhar incandescente.

percebo que o filme que via não passava de uma tela de memória virtualmente codificada pelos meus reflexos e desejos pela saliência de minha boca torta como um anjo defeituoso e que se alimenta de voar por lugares nunca dantes navegados nem a nave de fellini e muito menos a nave que se atira no lance de dados de stephan mallarmé.

todos os poros porejando gotas gotículas de apreensão e paranóia. parar a nóia tá difícil não consigo mais me desvencilhar me desligar estou atônito e indisposto hoje não acordei bem aliás hoje não acordei estou com cara de morto sem vontade de olhar através do orifício único que me liga com o outro lado ou através da portinhola que minha mulher preparou por onde passa a comida e o pinico, o que como é o que cago já dizia um velho amigo e filósofo decadente na mesa do bar onde borbulhavam goles e goles da mais pura monotonia onde o fluxo da conversa era diretamente proporcional ao ritmo dos goles infernais que alimentava nossas bocas ávidas de vida e morbidez onde discursávamos na velocidade do pensamento desvairado e louco onde os personagens circulavam por nossas bocas como galhos infinitos de árvores verdejantes e ásperas. sombra e água fresca todo mundo quer todo homem aspira ao ócio não fazer nada já seria uma grande solução mas não fazer nada mesmo deixar as coisas fluírem de forma zen e absoluta. que papo hem? meus amigos me detonariam chamariam de papo cabeça papo babaca falo e me calo e falo e desminto pois o que falo minto para mim e para você por que não aguento esse papo de que a mentira tem perna curta então todas as falas são anãs pois quem fala mente quem fala representa quem fala se distancia da coisa falada e o poeta fala desfralda a bandeira e saem por aí como um monte de anões tal qual na história do olho pantagruélico rabelasiano.

a procissão encaminhava o morto sem cara amorfo aliás era uma morta velhinha cuiabana de oitenta e poucos anos uma morte simbólica com enterro real nada de realeza mas real afinal ela não era nenhuma rainha elizabeth mas era da cuiabania tradicional que parece estar com os dias contados na escala feérica de cronos que a nada perdoa que a tudo devora que a tudo consome com sua chama implacável muitas vezes sem direito a fênix sem direito a enredar pelas esferas míticas reincidentes aquilo que retorna sempre aquilo que volta nos círculos borgeanos o inventor do aleph. aliás você já ouviu falar disso e agora eu aqui numa encruzilhada entre a cruz e a espada entre uma avenida cheia de carros que seguem o féretro e uma pulga atrás da orelha fazendo coçar e saltando por todos os pontos da cabeça que não descansa um segundo sequer de olho na soja de olho no agro-negócio mas um olho magro de cachorro irado de fome ao ver que o inferno nunca dantes navegados está carregado de águas quentes e imperfeições para além de todos os santos para além de todo bem ou mal meu bem meu mal minhas flores murchas em homenagem à morta que nunca vi antes mas que reconheço ser uma boa senhora essa é uma vantagem do envelhecimento e da morte todo mundo fica com cara de bonzinho todo mundo com cara de quem já cumpriu sua missão e nada mais resta a fazer nessa vida muitas vezes tediosa e sem graça mas que no fundo no fundo ninguém quer graça com a indesejada ninguém pede casamento com a maldita e na hora h nego até se borra se perde num medo que infantiliza até gigantescos e heróicos seres que aparentemente não teriam medo de nada mas tudo fica pequeno diante do inominável.

a platéia chora respeitosa e solidária.

XXVI

confusões mentais balbúrdia a sala corre literalmente sob meus pés de memória. reflito: se estou aqui nesse cubículo como posso sentir o chão da sala correr feito escada rolante sob meus pés alucinados feito de asas e penas de pássaro que voa sem parar. o sertão vai virar mar o sertão tem carcará. pega mata e come.

a sala escura estende-se ao infinito. o sol teima em não sair. é noite e não descanso.

passo a passo vamos seguindo a história sem descanso até que a morte nos separe..

XXVII

cacos de mim

fugidios

coladinhos

desgarradinhos

com cola de mamão

com cola de sabão

com cola de farinha

coca cola & euforia

alforria

livre-se de mim

ou descole-me se for capaz.

estou muito cansado de tanta coisa descabida que invade meus pastos. boi sonso. boi que é boi não tem descanso.

puxa carro puxa viagem atravessa verdes vales.

seu cocô é tão brilhante.

boi no chinês.

boi bão churrascaria. tem picanha tem maminha tem costela tem picadinho de adão. asneiras asneiras asneiras. vivo de mangar. vivo de indiferenças e quem lá quer saber se vivo ou não.?

cidinha saiu hoje e diz que não volta mas sempre que diz isso volta e cozinha para mim. perdi a noção do tempo que estou aqui nesse mocó. autêntico buraco de rato. estou recolhido de mim mesmo. sou brasileiro. e nem sei se isso aqui é brasil.

XXVIII

work in progress. joyce fajuto. sofre de brasilidade.

pobre ser. viajante do mato.

XXIX

docidade.

o sinal vermelho faz parar linda donzela. disfarço um sorriso e me desfaço em satisfações ocultadas pelo pretenso ar de difícil. olhos de lados. dados disfarçados de acaso.

sinfonia de dados lançados no asfalto quente. série de eventos sucessivamente arremetendo para vãos inesperados. deixe a bola cair e verás se quebra ou não. só resta a lição que não aprendemos. é preciso voltar alguns passos para que reflua a percepção e possas ver novamente aquela canção que não aprendeste. no mais é deixar rolar de acordo com as circunstâncias como um aprendiz de acasos. soletrando cada passagem com a atenção concentrada na ação que move todo caos. aos poucos vamos ordenando coisas curiosas e algumas vezes interessantes. ouço vozes que me vêm de longe contando histórias são vozes que se diferenciam umas das outras e que se provocam num jogo cheio de surpresas e lances de acaso que movem toda a história ou a história como um todo que não se separa. tudo tão intrinsecamente ligado que parece um corpo só se movendo para além de tudo e todos.

minhas cordas vocais não se intimidam e passo a berrar do meu cantinho. os pássaros voam batem asas agressivamente espantosamente oh! eles voam sobre minha cabeça me abaixo fujo das picadas voam até meu fígado querem bicá-lo sinto-me mal desfaleço levemente mas não atrevo a perder a consciência o medo me mantém acordado o instinto de sobrevivência é mais forte e após algumas tentativas eles desistem voando fora com algumas penas a menos.

não tenho vocação para prometeu apesar de estar aqui como um acorrentado.

XXX

sinto no ar que minha aventura se esgota. gota a gota meu suor escorre pelo ralo do meu mocó e cai no mar das sujeiras urbanas. uma rede ligando todos os esgotos da docidade que cairá no rio que escorrerá

até o mar que nadará nadará até morrer na praia. eis-me aqui ligado ao indecifrável ligado por atavismo a tudo que não está em mim corrente de elos que vão dar no infinito. o infinito é tudo aquilo que não me cabe, isto é: eu (-) menos tudo que não sou

tudo que não é o que poderia ser portanto não adianta chorar leite derramado

se aconteceu ou se não pode servir de base nem de referência para nada do que desejasse que não fosse ou que fosse isto é não adianta dizer se a bola não tivesse batido na trave no último minuto do jogo o “se” inclui todas as outras possibilidades cósmicas até mesmo uma pedra que caísse do espaço infinito que nos habituamos chamar de céu um pássaro voando sobre sua cabeça e arrancando seus olhos um terremoto as fendas do fim do mundo se abrindo a boca do absurdo a boca que a tudo devora boca de cronos.

então o que é o mundo fora daqui do meu ambiente? o que é fora de mim? quem são os outros que me atormentam com seus olhos espelhos que me aterrorizam ao simplesmente olharem para mim e fazer tremer as bases que sustentam este ser ignóbil?

é o seguinte hoje estou de saco cheio mais uma vez estou de saco cheio e não me pergunte por quê simplesmente está cheio até as bordas como se os grãos de paciência se esgotassem rapidamente com os sintomas do meu mau-humor crônico por culpa de um fígado doente e acostumado com a repetição infundável de goles e mais goles de álcool sob a forma destilada espumosa gasosa que consome-me devagarinho.

salve leminski curitibano doido de pedra fez chover catatau

lembranças eternas do poeta da cirrose – flor de poema –

“em la lucha de classes, todas las armas son buenas, piedras noches poemas.”

a cobra estava dentro do carro. a rua serpenteava ao longe. meninos e meninas da américa latina dançando sob intenso sol do meio-dia. pés descalços. bola de borracha rolando no campo imaginário craques serelepes rompendo a barreira do gol sob o sol. o grito ecoa da garganta em busca de se libertar na ânsia de vitórias os meninos atiram a esmo num autêntico jogo de guerras – franco atiradores de uma causa que parece não ter fim.

ao longo da história o dia corre cáustico e a cobra realmente estava dentro do carro. ele circulava em volta do carro com a régua de aço na mão ameaçador brandindo-a como uma espada brilhante repleta de reflexos do sol forte e quente que alucina as mentes e deixa um rastro de luta.

a cobra com o rabo agarrado ao freio de mão se ergue e chama para a luta. o rapaz guerreiro não se conforma com tal peleja e aciona o corpo de bombeiros o centro legal que trata de temas ofídicos. oh! a cobra foi decepada ao meio um corte na manhã uma volta aos círculos infernais de vida e morte de jogo e sorte de azar de novos nortes no rumo da grande aventura da vida que redimensiona o tempo todo suas lides e funções então você acorda e ainda meio tonto se atira no abismo com um zaratustra na cabeça.

XXXI

tem horas sinto-me desanimado com tendência de deixar as coisas correrem soltas de afrouxar as tensões mais disfarçadas e largar tudo com os dentes ao sol. a vida é uma coisa trabalhosa que você tem que enfrentar em permanente estado de alerta não dá para relaxar senão a coisa pega e é pegajosa esponjosa um porre ter que ir vivendo sempre nadando contra a maré as vezes tenho a impressão de que é mais difícil para mim aí olho através de meu olho mágico e vejo tanta miséria que me envergonho do meu egoísmo. mas não posso assumir essa culpa ela é muito difundida pelo cristianismo católico e

conservador como se toda a miséria do mundo fosse culpa mea máxima culpa. não é bem assim e sabemos muito bem que a distribuição de culpas entre os homens de boa vontade é uma questão política de quem não quer assumir suas responsabilidades e nem distribuir o que há de bem bom nos castelos religiosos que separam os pretensos santos de nós reles mortais pecadores e pecaminosos como se fôssemos a porção mais suja da humana criatura e eles limpos santificados assépticos distantes imaculados puros de origens quase divinas os escolhidos os eleitos pelos céus para trazerem as palavras onde foram escolhidos como interlocutores para a palavra de deus. há há há. cubro minhas vergonhas minha nudez será castigada pois meu livro já veio com as páginas abertas e despudoradas. proto-punk. arraso com suas sintonias religadas.

busco forças no além

além limites de minhas próprias fraquezas

atado ao indecifrável

vou vivendo e levando a vida como quem nada quer

fingindo de morto

pra comer o cu do padre

santa mãe de deus

ave

que menino blasfemo

reza três pai nosso e dez ave-maria

ave maria

pai nosso que estais no céu e na terra

cuidai de mim e dos meus males que me desfazem me desintegram nesse reino de meu deus

não sei se me guardo ou me atiro de cabeça nessa última lata que acabo de deixar ao sol com os dentes arreganhados a lata ainda fumegante a lata ainda produzindo efeitos alucinantes em minha pobre cabeça inchada de tanto vazio que busco preencher com horas da mais santa insanidade.

XXXII

diz que me disse mas não ouço sua voz que vem da trevosa manhã de chuva que encharca todo meu corpo enrugado e trêmulo. não deixo de perceber em meio a alucinações as figuras que vão se formando nas paredes que me cercam as ranhuras seus descascados. vejo e risco em torno uma bailarina dançando livremente como convém a uma bailarina o rosto de fernando pessoa com seu indefectível chapéu coco e paletó e gravata percebo então que essas silhuetas já estavam ali bem antes que eu as percebesse e fico matutando: será que essas figuras estão por aí espalhadas pelas superfícies de uma forma eterna e encravadas como espíritos nas pedras incrustadas figuras desenhadas em diamantes eternos?

diz aí com sua voz rouca de sapo, qual é?

a chuva cai na tarde abafada sombras e luzes refletidas criam um jogo de imagens que mais parece um espetáculo teatral – surreal ainda mais combinando com as cores intensas de um arco-íris que se forma no horizonte o céu – vermelho carmim imita labaredas línguas de fogo lambem o infinito. penso nada um

bagaço minhas forças exauridas um pingo sem i sem chão sem fundo mergulho em abismosa indiferença deixo o tempo passar já não acredito em quase nada já nem sei se estou mesmo aqui ou se sou apenas uma impressão equivocada do que penso que seja.

as figuras vão se apagando com a chuva. a tinta escorre e borra tudo a cara da bailarina a cara do pessoa fernando. fernando por que vias poéticas navegastes? que índias fostes capaz de visitar a bordo do ópio? de farta luxúria? nem que seja a do fingimento aquilo que você deseja tanto que chega a projetar como um filme na tela do pensamento. já não me importo com os desenhos que se borram já não me importo com os traços que risquei nunca acreditei naquelas figuras que fossem artísticas eram insossas apenas um fenômeno que o tempo provoca na matéria inculcando figuras que já existem no plano da memória nenhuma função mística nenhuma projeção do mundo dos deuses.

XXXIII

SEGUNDA-FEIRA será que é? DIA DAS MÔSCAS pós churrasco de fim de semana PÓS PEIXE ASSADO COM FAROFA DENTRO pacú cuiabano MACHICHE CACHAÇA CERVEJA GELADA cachorro carniceiro DERRUBA DA LIXEIRA sobras sobras CALOR CHEIRO FEDORENTO cachorro se esfrega na carniça CACHORRO CHEIROSO DE MADAME madame chega madame chama no colo CACHORRO SALTA SERELEPE PERFUMADO madame acolhe cachorro enebado gordura de pacú podre de olho morto MADAME GRITA HORRORIZADA ele se esfrega ELA CAI ESTATELADA ele se esfrega em sua cara borrada ELA VOMITA NO MEIO DA SALA ele gosta lambe o vômito se esfrega nela ELA ACUADA DE OLHOS ARREGALADOS CHORA ele lambe o sal de suas lágrimas ELA ROLA cai NO ABISMO no fundo do poço.

caindo no marasmo vamos seguindo o caminho mais que normal dos dias que se sucedem que se encadeiam numa trama absurda de fenômenos que vão interligados formando a grande teia do universo cronologicamente organizado por impulsos de vidas que se arrolham num apertume sem distinção ou como diria o sr. dos acasos sem igual pois não existe a igualdade a não ser como referência mínima entre a razão e a loucura entre uma coisa ser ou parecer ser outra só sendo duas vezes no mesmo tempo e no mesmo espaço para ser igual portanto improvável portanto totalmente descartado na medida em que a lei física diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo no espaço no espaço-tempo no espaço templo de todas as coisas que acontecem ou que deixam de acontecer e assim caminha a humanimaldade a humana carcaça que morre e se transforma como o peixe que se decompõe como a árvore que seca como os vermes que se alimentam e se empanturram de nossa carne já em estado de putrefação.

é assim que é, é assim que as coisas são e não podemos mudar esse estado de coisas que se alucinam entre uma mordida e outra entre um toque lascivo e uma corrente sanguínea que se subtrai ao toque

mais íntimo e acariciante que desperta para emoções mais fortes na penumbra soturna de um quatinho de hotel mequetrefe às escondidas perto da rodoviária quatinho apertado e sebento fedorento com cheiro de porra e suor vaginal líquidos essenciais líquens verde musgo de minha vida nesse pequeno trecho que ocupo sem parar sem sair para lá nem para outro lugar sem saber se ainda suporto a vida com suas consequências nefastas. a vida é doce mas não é rapadura. a rapadura é doce mas não é mole não.

o mel da tarde escorre feito tinta no horizonte

um sentimento de infinito invade todos os seres em volta

tudo respira de uma forma silenciosa com presença forte e enigmática

a lucidez se estende como um tapete farto de sabedoria

na medida em que a luz se distancia a viagem toma rumos por lugares indefinidos se embrenhando cada vez mais no mato sem cachorro onde as circunstâncias são apropriadas para a criação de novas picadas no caminho que reluz vê-se que nem tudo é ouro às vezes a estrada se bifurca entre dois infernos ou estágios infernais pois nada somos nada queremos a não ser continuar pulando de galho em galho com a sola dos pés áspera e borbulhante como pisando em rios de fogo para atravessar de um lado a outro onde parece haver outra forma de luz que faísca no centro da mente livre que agora se instalou no caótico vazio onde sinto minhas vísceras rastejando no chão de víboras e vermes gordos que se enroscam engordurados e famintos.

se a mente está voando livremente não incomoda estar de jeito algum participando dos eventos que se apresentam e encarar as coisas da forma mais natural possível pois nada interfere em seu estado de equilíbrio interativo com todas as outras coisas como se fosse um corpo só.

Dilacerante vazio

Me despedaço

C

A

I

O

repare –

sinta

a queda-vertigem

de uma página a outra

saltando um abismo negro e insondável

que separa dois mundos

de silêncios e escuros

massa amorfa?

massa sem maçã?

manhã sem manha

almir e renato teixeira

música brasileira – sensações múltiplas – ritmos e acordes sapecando a manhã

o poeta desfralda a bandeira

tropicando cá nos trópicos nos passos trôpegos do cavaleiro errante

tupi or not to be

XXXIV

fúria fúria, a cidade se torna cada vez mais furiosa, não canso de ver pelo olho mágico o furor vingativo das pessoas que se sentem aquém daquilo que necessitam para viver bem. os olhos injetados de ódio sanguíneo arremetem vermelho quente na superfície borrosa da camada terrestre. o asfalto mole feito chiclete gruda nas solas descalçadas dos meninos ferinos que invadem o centro nervoso das ruelas adormecidas. a docidade escapa dos dedos escorre pelos braços desce pelas pernas e deixa um rastro de substância amarga pela crueza do dia. um golpe no pseudo-equilíbrio da paz dos burgueses que dormem a sesta diária. um balaço na consciência bovina daqueles que acham que está tudo muito bem. que as pessoas estão tranquilas em suas pocilgas numa paz regida pela moral e pelas religiões além de todos os códigos e leis que determinam a cordeirice social. santa paz da ignorância. os rumores de violência crescem um incômodo muito forte vem balançando as estruturas que consideram sólidas. a fome de poder se alastra nos íntimos mais orgânicos de toda a gente que vejo um inconformismo mudo que se agita como um organismo vivo e invisível a olho nu. uma massa sombria de revolta que advém até mesmo de uma impressão nos códigos genéticos. geneticamente excluídos filhos do abandono de toda sorte signos de um fracasso que parece permear toda a história humana.

XXXV

eu nóio tú nóias ele nóia

a trindade está feita. é fato que as drogas detonam todos os cérebros fendidos explorados milimetricamente nas aventuras extrassensoriais – ai meus ais – meus despudores – minha gigantesca massa encefálica comprimida pelos ossos da memória. um vazio enorme paira na moldura para ser preenchido a cada fotograma. de minha trincheira fotografo como um cartógrafo todos os limites que me cercam milimetricamente eivado de sensibilidade auditiva que faz perceber os ruídos mais minuciosos do microcosmo – criando armadilhas assustadoras e superdimensionando a mixórdia presente no espaço-tempo mais imediato – teia ruidosa e cheia não espaços vazios-silêncios. tudo conspira contra o silêncio. não há vazios na existência. tudo preenchido.

XXXVI

O DANADO DO CÃO passa pela rua 43 – às 8 e 30 da manhã ensolarada com vento gostoso entrando pelas narinas infladas – o pobre cão descarnado pele e osso – uma caveira ambulante o coitado. seus flancos estão todos ralados carne viva sangue rubro escarlate ossos e pele suada molhada – será que jogaram água quente sobre o bicho? – humanimaldade. tem pessoas que têm coragem de fazer isso! – o pobre bicho desce a rua como alma penada. tá pagando o quê? cara tinha de sacrificar a vida desse pobrezinho! mas não com água quente. quer morte mais infernal?

o último dos moicanos.

os moicanos foram guerreiros de primeira. extermínio deliberado a matança de índios na américa do norte fez parte de uma estratégia de ocupação geográfica que hoje exaltam como heroísmo de americano no cinema nas histórias em quadrinhos na música nas artes gráficas nos jornais nas várias formas de expressão mundana. domínio dos meios domínio das formas e dos modos de comportamento. tudo parece tão claro essa manhã clara e cristalina onde a poesia tem participado com muito vigor de uma nova maneira de sentir os fluidos do dia de deixar fluir o dia os dias as horas e os dengos que a gente tem como necessidade imperiosa de sermos bajulados desenjaulados soltos na esfera de uma circunstancialidade que nunca sabemos ao certo basta virar uma esquina e seu destino já pode estar nas mal traçadas esquinas da vida que nunca sabemos onde vai dar se num abismo se num espinho se rosas ou no ar.

ar arfar ar arfar o pobre bicho arfa

cansado de nunca chegar

excluído pelo nojo que causa repugna

é a vida

é a vida

diz o cavaleiro que passa e olha de soslaio para o bicho.